



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano XLVIII, número 50 (2.494)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 14 de dezembro de 2017

Decisões eficazes para contrastar as mudanças climáticas

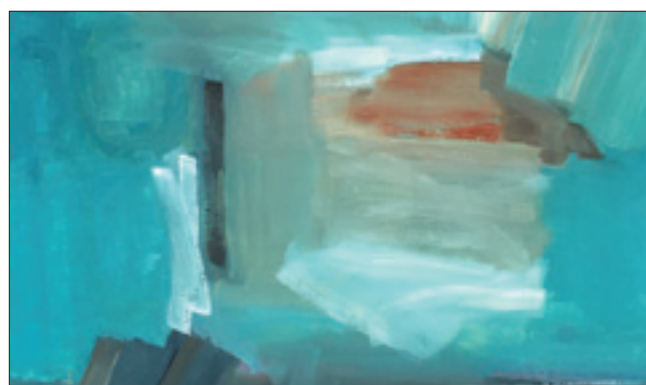
No Angelus os apelos a favor do meio ambiente, direitos humanos e desarmamento nuclear

Decisões eficazes para contrastar as mudanças climáticas foram invocadas pelo Papa no final do Angelus de domingo 10 de dezembro na pra-

ça de São Pedro, na vigília do "One planet summit" inaugurado no dia 12 na capital francesa. «Dois anos após a adoção do Acordo de Paris sobre o clima», a nova Cimeira – disse o Santo Padre – «pretende renovar o compromisso pela sua concretização e consolidar uma estratégia partilhada a fim de contrastar o fenómeno preocupante da mudança climática».

Por conseguinte, o Pontífice fez votos de que o encontro parisiense, «assim como as outras iniciativas análogas, favoreçam uma clara tomada de consciência sobre a necessidade de medidas realmente eficazes» a fim de contrastar o fenómeno «e, ao mesmo tempo, combater a pobreza e promover o desenvolvimento humano integral».

Significativo o apelo a favor do desarmamento atómico e da defesa dos direitos humanos, no dia em que foi conferido o prémio Nobel da paz à campanha internacional para



Danielle Nelisse, «Climate Change»

abolir as armas nucleares. Frisando que o reconhecimento foi atribuído em coincidência com o dia proclamado pelas Nações Unidas para os

direitos humanos, o Papa realçou «o forte vínculo» entre estes dois temas.

PÁGINA 7

Festa da Virgem de Guadalupe

O cântico dos povos latino-americanos



Fermín Revueltas, «Alegoria de la Virgen de Guadalupe» (mural)

Na missa celebrada na basílica para a festa da Virgem de Guadalupe na tarde de terça-feira, 12 de dezembro, o Papa frisou que é necessário «defender os nossos povos de uma colonização ideológica que cancela as suas riquezas, quer eles sejam indígenas, afro-americanos, mestiços, camponeses ou habitantes das periferias». Entre os presentes, Guzmán Carriquiry, secretário encarregado da vice-presidência da Pontifícia Comissão para a América Latina, e os participantes na conferência organizada para o vigésimo quinto aniversário da fundação *Populorum progressio* – que teve lugar na manhã de terça-feira dia 12 – aos quais o Santo Padre enviou uma mensagem que publicaremos no próximo número.

PÁGINA 11

Aos leigos da América Latina

Reabilitar a dignidade da política

PÁGINA 10

Solenidade da Imaculada Conceição

Não se resignar à degradação

Uma oração a Maria a fim de que ajude Roma «a desenvolver os "anticorpos" contra alguns vírus dos nossos tempos» como «a indiferença, a falta de educação cívica, o medo do diferente e do estrangeiro, o conformismo disfarçado de transgressão, a hipocrisia, a exploração» e sobretudo «a resignação à degradação» foi elevada pelo Papa na tarde de sexta-feira, 8 de dezembro, por ocasião da tradicional homenagem à Imaculada na praça de Espanha. Depois de ter recordado que se tratou da quinta peregrinação «como bispo de Roma», o Papa agradeceu à Mãe «a solicitude com a qual» acompanha «o percurso das

famílias, das paróquias, das comunidades religiosas» e de «quantos todos os dias atravessam» a cidade «para ir ao trabalho», assim como «dos doentes, dos idosos, de todos os pobres, de muitas pessoas emigradas para aqui de terras de guerra e de fome».

PÁGINA 3

História e destino da cidade três vezes santa

GIOVANNI MARIA VIAN NA PÁGINA 8

Mensagem para as vocações

Chamada à alegria

PÁGINA 5

A revolução de Maria

LUCETTA SCARAFFIA

No dia da Imaculada, o Papa Francisco multiplicou a tradicional homenagem que os Pontífices prestam a Maria: não só foi até à coluna a Ela dedicada na praça de Espanha, mas primeiro rezou diante do ícone que lhe é muito querido, conservado em Santa Maria Maior,

e depois à igreja de Santo André "delle Fratte", lugar de uma aparição milagrosa. Gestos que não surpreendem num Papa que, desde o início, revelou uma devoção particular a Nossa Senhora com as numerosíssimas visitas à imagem da *Salus populi Romani* e aos santuários marianos durante as suas viagens.

Esta sua predileção, acompanhada por um estilo de comunicação bastante simples, que todos entendem, levou muitos a etiquetá-lo como um Pontífice próximo do povo, das suas devoções. Usando palavras menos diplomáticas, um Papa considerado demasiado simples, excessivamente modesto, desprovi-

No centenário do falecimento

Francisca Cabrini mãe e irmã dos migrantes

PÁGINA 2

CONTINUA NA PÁGINA 2



Às missionárias do sagrado Coração de Jesus no centenário do falecimento da fundadora

Francisca Cabrini mãe e irmã dos migrantes

«O seu carisma é de grande atualidade, porque os migrantes precisam certamente de boas leis, de programas de desenvolvimento, mas têm sempre necessidade também e antes de tudo de Deus, que encontraram no amor gratuito de uma mulher que, com o coração consagrado, é irmã e mãe», disse o Papa no centenário da morte de Santa Francisca Cabrini, ao receber as missionárias do Sagrado Coração de Jesus no dia 9 de dezembro, na Sala Clementina.

Queridas irmãs e amados irmãos!

É com grande prazer que recebo todos vós, representantes da Família Cabriniana, que deste modo desejais concluir as celebrações do centenário do nascimento para o céu de Santa Francisca Xavier Cabrini. A 17 de dezembro de 1917 esta santa mulher, que cruzou por vinte e quatro vezes o oceano a fim de assistir os migrantes nas Américas, e que, incansavelmente, se tinha aventurado até aos Andes e também à Argentina, faleceu repentinamente em Chicago, e partiu para a última viagem.

Saúdo D. Rino Fisichella, que vos segue com tanto afeto; e agradeço à Madre Barbara Louise Staley, as palavras de saudação e o engajamento concreto, onde se encontram migrantes, a tornar sempre presentes o acolhimento e o testemunho do amor cristão.

Santa Cabrini foi uma verdadeira missionária. Cresceu tendo diante de si o exemplo de São Francisco Xavier, pioneiro da evangelização no Oriente. No seu coração tinha a China e esperava levar o anúncio do Evangelho àquela terra distante. Não pensava nos milhares de emigrantes que por causa da fome, da falta de trabalho e da ausência de um futuro embarcavam com os seus poucos haveres a fim de chegar à América, levados pelo sonho de uma vida melhor. Como sabemos, foi a clarividência do Papa Leão XIII que, com uma frase, fez com que mudasse de rota: «Não a Oriente, Cabrini, mas a Ocidente!». A jovem Madre, que fundara de recente as Missionárias do Sagrado Coração, tinha que abrir os seus olhos a fim de ver para onde Deus a enviava em missão. Não onde ela queria ir, mas onde Ele tinha preparado para ela o caminho, a via do serviço e da santidade. Eis o exemplo de uma verdadeira vocação: esquecer-se de si para se abandonar plenamente ao amor de Deus.

Depois de tantos anos, a realidade dos migrantes, aos quais Santa Francisca Xavier dedicou toda a sua vida, evoluiu e é atual como nunca. Novos rostos de homens, mulheres e crianças, marcados por tantas formas



Meo Carbone, «Homenagem a Santa Francisca Xavier Cabrini»

de pobreza e de violência, estão novamente diante dos nossos olhos e esperam encontrar no seu caminho mãos estendidas e corações acolhedores como os da Madre Cabrini. A vós, em particular, é oferecida a responsabilidade de ser fiéis à missão da vossa Santa Fundadora. O seu carisma é de extraordinária atualidade, porque os migrantes certamente precisam de boas leis, de programas de desenvolvimento, de organização, mas têm sempre necessidade também e antes de tudo de amor, amizade, proximidade humana; precisam de ser ouvidos, fitados nos olhos, acompanhados; têm necessidade de Deus, que encontraram no amor gratuito de uma mulher que, com o coração consagrado, é irmã e mãe.

O Senhor renove sempre em vós o olhar atento e misericordioso sobre os pobres que vivem nas nossas cidades e países. A Madre Cabrini tinha a coragem de fitar nos olhos as crianças órfãs que lhe eram confiadas, os jovens sem trabalho que se sentiam tentados pela delinquência, os homens e as mulheres explorados nos trabalhos mais humildes; e por isso hoje estamos aqui para dar graças a Deus pela sua santidade. Em cada um daqueles irmãos e irmãs, ela reconhecia o rosto de Cristo e, genial como era, foi capaz de fazer frutificar os talentos que o Senhor lhe confiara (cf. Mt 25, 14-23). Tinha um agudo sentido da ação apostólica; e se teve tanta energia para realizar em tão poucos anos um trabalho extraordinário, foi unicamente pela sua união a Cristo, segundo o modelo de São Paulo, do qual tirou o seu mote: «Tudo posso n'Aquele que me fortalece» (Fl 4, 13). Uma vida verti-

gosa cheia de trabalho, viagens sem fim a pé, de comboio, de navio, de barco, a cavalo...; criando do nada sessenta e sete obras entre creches, escolas, colégios, hospitais, or-

fanatos, laboratórios... tudo para propagar a força do Evangelho, que lhe tinha dilatado o coração para que pertencesse a todos.

Santa Cabrini viveu da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus. Passo após passo, a sua existência foi totalmente dedicada a confortar, fazer conhecer e amar o Sagrado Coração. E isto tornou-a capaz de olhar para o coração daqueles dos quais se aproximava e assistia para lhes corresponder de maneira coerente. Este importante aniversário recorda a todos nós, com vigor, a necessidade de uma fé que sabe acolher o momento de graça que se vive. Por mais difícil que possa parecer, diz-nos que devemos fazer como ela: ser capazes de captar os sinais do nosso tempo, lê-los à luz da Palavra de Deus e vivê-los de maneira a dar uma resposta que alcance o coração de cada pessoa.

Queridas irmãs e estimados irmãos que partilhais o carisma cabriniano, agradeço-vos o vosso compromisso. Acompanho-vos com a Bênção apostólica e peço a cada um de vós que não vos esqueçais de rezar por mim.

A revolução de Maria

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

do de profundidade teológica. Mas estes observadores foram apressados e superficiais, não prestando atenção ao verdadeiro significado das palavras de Bergoglio, que não só são compreensíveis, mas também cheias de ensinamento teológico e espiritual.

Com efeito, no Angelus de ontem, dedicado ao episódio evangélico da Anunciação, o Pontífice aprofundou o significado das primeiras palavras que o anjo dirigiu a Maria, «cheia de graça», isto é, «Maria é cheia da presença de Deus. E se é inteiramente habitada por Deus, nela não há lugar para o pecado. É algo extraordinário, porque no mundo infelizmente tudo está contaminado pelo mal». Trata-se uma reflexão sobre o dogma da Imaculada Conceição que leva a ver em Maria, ser humano único e especial, precisamente uma unicidade — ser cheia da presença de Deus — diretamente ligada à maternidade, ou seja, à sua corajosa aceitação de se tornar medianeira entre Deus e a humanidade, permitindo a Encarnação.

A devoção mariana não é apenas protetora, mas leva ao centro da fé

cristã, ao cerne do mistério da Encarnação, sem a qual não haveria o cristianismo. Portanto, a nova religião nasce da coragem de uma mulher muito jovem, à qual Deus pediu a autorização para realizar o milagre. A aceitação de Maria diante de uma perspectiva misteriosa e sobretudo socialmente muito perigosa para ela — um filho que nasce fora do casamento — abre as portas à salvação da humanidade.

Até uma simples reflexão — como o Papa Francisco bem sabe — sobre este episódio quase incrível, numa sociedade na qual a vontade das mulheres nem sequer era tida em consideração, faz entender o alcance revolucionário do ensinamento de Jesus. Como canta a própria Maria no *Magnificat*, o Salvador vem para derrubar as hierarquias sociais, para estabelecer uma nova ordem na qual os frágeis (e as mulheres, frágeis entre os frágeis) teriam mais importância do que os poderosos. Portanto, evocar Maria significa despertar o poder revolucionário do ensinamento evangélico e recordar a uma instituição que se apresenta como compactamente masculina, que deve tudo a uma mulher.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalentibus

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

O pecado faz envelhecer

No Angelus o Pontífice explicou por que Maria é cheia de graça

«O que quer dizer cheia de graça? Que Maria é cheia da presença de Deus. E nela não há espaço para o pecado», ressaltou o Papa Francisco no Angelus recitado na praça de São Pedro a 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição.

Estimados irmãos e irmãs bom dia e feliz festa!

Hoje contemplamos a beleza de Maria Imaculada. O Evangelho, que narra o episódio da Anunciação, ajuda-nos a entender aquilo que festejamos, sobretudo através da saudação do anjo. Ele dirige-se a Maria com uma palavra não fácil de traduzir, que significa “cheia de graça”, “criada pela graça”, «cheia de graça» (Lc 1, 28). Antes de chamar Maria, chama-lhe *cheia de graça*, e assim revela o novo nome que Deus lhe atribuiu e que é mais apropriado do que o nome que lhe foi dado pelos seus pais. Também nós lhe chamamos assim, a cada *Ave-Maria*.

O que quer dizer *cheia de graça*? Que Maria é cheia da presença de

Deus. E se é inteiramente habitada por Deus, nela não há lugar para o pecado. Trata-se de algo extraordinário, porque infelizmente tudo no mundo está contaminado pelo mal. Cada um de nós, olhando dentro de si mesmo, vê lados obscuros. Inclusive os maiores santos eram pecadores, e todas as realidades, até as mais sublimes, são manchadas pelo mal: todas, exceto Maria. Ela é o único “oásis sempre verde” da humanidade, a única incontaminada, criada Imaculada para acolher plenamente, com o seu “sim”, Deus que vinha ao mundo e deste modo começar uma nova história.

Cada vez que a reconhecemos *cheia de graça*, fazemos-lhe o maior elogio, o mesmo que Deus lhe fez. O melhor elogio que se pode dizer a uma senhora é falar-lhe, com amabilidade, que demonstra menos idade. Quando dizemos a Maria *cheia de graça*, num certo sentido dizemos-lhe também isto, ao nível mais elevado. Com efeito, reconhecemo-la sempre jovem, porque jamais envelhecida

pelo pecado. Só existe uma coisa que deveras faz envelhecer, envelhecer interiormente: não é a idade, mas o pecado. O pecado envelhece-nos, porque *esclerosa o coração*. Fecha-o, torna-o inerte, fá-lo murchar. Mas a *cheia de graça* é vazia de pecado. Então é sempre jovem, é «mais jovem que o pecado», é «a mais jovem do género humano» (G. Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*, II, 1988, p. 175).

Hoje a Igreja felicita-se com Maria chamando-lhe toda bela, *tota pulchra*. Assim como a sua juventude não depende da idade, do mesmo modo a sua beleza não consiste na exterioridade. Como mostra o Evangelho de hoje, Maria não se distingue pela aparência: de família simples, vivia humildemente em Nazaré, um povoado quase desconhecido. E não era famosa: até quando o anjo a visitou, ninguém soube disto, naquele dia ali não havia *repórter* algum. Nossa Senhora também não levou uma vida confortável, mas teve preocupações e temores: ela «sentiu-se

muito perturbada» (v. 29), reza o Evangelho, e quando o anjo «se afastou dela» (v. 38), os problemas aumentaram.

No entanto, a *cheia de graça* levou uma *vida bonita*. Qual era o seu segredo? Podemos compreendê-lo olhando novamente para o cenário da Anunciação. Em muitas pinturas Maria é representada sentada diante do anjo com um pequeno livro nas mãos. Este livro é a Escritura. Assim Maria costumava ouvir Deus e estar com Ele. A Palavra de Deus era o seu segredo: perto do seu coração, depois se encarnou no seu seio. Permanecendo com Deus, dialogando com Ele em todas as circunstâncias, Maria tornou bela a sua vida. O que faz bela a vida não é a aparência, não é aquilo que é passageiro, mas o coração orientado para Deus. Contemplemos hoje com alegria a *cheia de graça*. Peçamos-lhe que nos ajude a permanecer jovens, dizendo “*não*” ao pecado, e a levar uma vida bonita, dizendo “*sim*” a Deus.



Publicamos a oração que o Papa Francisco recitou na parte da tarde de 8 de dezembro, no ato de veneração da Imaculada Conceição na Praça de Espanha.

Mãe Imaculada,

pela quinta vez venho aos teus pés como Bispo de Roma,] prestar-te homenagem em nome de todos os habitantes desta cidade.]} Queremos agradecer-te a atenção constante]

Não se resignar à degradação

com que acompanhas o nosso caminho, o caminho das famílias, das paróquias, das comunidades religiosas;] o caminho de quantos, todos os dias, às vezes com dificuldade,] atravessam Roma para ir trabalhar; dos doentes, dos idosos, de todos os pobres, de tantas pessoas que imigraram para cá de terras de guerra e de fome.]} Obrigado porque, assim que te dirigimos um pensamento] ou um olhar, ou uma Ave-Maria fugaz, sentimos sempre a tua presença materna, terna e forte.]}]

Ó Mãe, ajuda esta cidade a desenvolver os “anticorpos”] contra alguns vírus dos nossos tempos: a indiferença, que diz: “Não me díz respeito”; a má educação cívica que despreza o bem comum;] o medo do diverso e do estrangeiro; o conformismo disfarçado de transgressão; a hipocrisia de acusar os outros, quando se fazem as mesmas coisas;] a resignação à degradação ambiental e ética; a exploração de tantos homens e mulheres. Ajuda-nos a rejeitar estes e outros vírus com os anticorpos que derivam do Evangelho. Leva-nos a adquirir o bom hábito de ler todos os dias um trecho do Evangelho e, a teu exemplo, conservar no coração a Palavra,] para que, como uma boa semente, dê fruto na nossa vida.

Virgem Imaculada, há 175 anos, pouco distante daqui, na igreja de Santo André “delle Fratte”, tocaste o coração de Afonso Ratisbonne, que naquele momento] de ateu e inimigo da Igreja, se tornou cristão. A ele mostraste-te como Mãe de graça e de misericórdia.]} Concede também a nós, especialmente na provação e na tentação,] fixar o olhar nas tuas mãos abertas, que deixam descer sobre a terra as graças do Senhor.]} e despojar-nos de qualquer arrogância orgulhosa,]}]

para nos reconhecermos como somos realmente: pequenos e pobres pecadores, mas sempre teus filhos.

E assim, pegar na tua mão para nos deixarmos reconduzir rumo a Jesus, nosso irmão e salvador,] e ao Pai celeste, que nunca se cansa de nos esperar] e de nos perdoar, quando voltamos para Ele. Obrigado, ó Mãe, porque nos ouves sempre! Abençoa a Igreja que está em Roma, abençoa esta Cidade e o mundo inteiro. Amém!



Depois da homenagem a Nossa Senhora na Praça de Espanha, o Santo Padre dirigiu-se a pé até à basílica de Santo André «delle Fratte» onde foi recebido e saudado pelos frades e pelas religiosas do Coração de Jesus. Em seguida, o Pontífice rezou em silêncio diante da imagem de Nossa Senhora da medalha milagrosa e abençoou o presépio preparado na nave esquerda. A tarde mariana do Pontífice concluiu-se por volta da 16h35, quando regressou ao Vaticano.

Formar os jovens na arte do diálogo

Discurso a uma delegação ecumênica de Taiwan

O convite a formar os jovens na «arte do diálogo», de modo que «possam tornar-se protagonistas de uma cultura da harmonia e da reconciliação», foi dirigido pelo Papa Francisco aos membros do Conselho nacional das Igrejas de Taiwan, recebidos em audiência na manhã de 7 de dezembro, na sala do Consistório. Eis o discurso do Pontífice.

Caros irmãos e irmãs!

Responsáveis e membros do *National Council of Churches of Taiwan*, dou-vos as minhas mais cordiais boas-vindas e agradeço-vos as amáveis palavras de saudação que me dirigistes.

Como sabeis, acabei de regressar de uma visita ao Myanmar e ao Bangladesh. Deste modo pude fazer experiência da vitalidade e da inventiva que caracterizam os povos da Ásia, mas também do rosto sofrido de uma humanidade demasiadas vezes desprovida de prosperidade material e de bem-estar social. Existem muitos âmbitos nos quais, como cristãos, somos chamados a trabalhar juntos para promover a dignidade de cada ser humano e para ajudar quantos são menos favorecidos. Sin-



to-me encorajado por aquilo que me dissestes: «Sem amor, a paz não é verdadeiramente tal; sem amor, o mundo precipita no caos». Como cristãos, devemos antes de tudo pôr em prática o mandamento do Senhor: «Assim como Eu vos tenho amado, também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos» (Jo 13, 34-35). Por conseguinte, o amor de Deus que deve ser encarnado concretamente na vida é a nossa via mestra, a responsabilidade que te-

mos em comum perante o mundo, para darmos testemunho da nossa esperança (cf. 1 Pd 3, 15).

Através da Conferência Episcopal regional chinesa, a Igreja católica está comprometida, desde a Fundação do *National Council of Churches of Taiwan*, em 1991, a promover uma maior unidade entre os crentes no Senhor. O fortalecimento das relações entre as Confissões cristãs e o anúncio de Jesus, que podereis empreender em conjunto, também atra-

vés de obras de caridade e de projetos formativos destinados aos jovens, hão de beneficiar a sociedade inteira. Com efeito, um porvir melhor para todos exige a formação das jovens gerações, de maneira especial na arte do diálogo, de tal maneira que possam tornar-se protagonistas de uma cultura da harmonia e da reconciliação, tão necessária, permanecendo dispostos a percorrer, com a ajuda de Deus, aquele percurso que vai do conflito à comunhão e que se demonstrou tão frutuoso no caminho ecumênico.

Agradeço a cada um de vós o compromisso a prosseguir ao longo desta vereda, revigorando a fraternidade e a colaboração entre as vossas comunidades. Continuemos a caminhar juntos, no *primado da caridade*, rumo ao dia em que se há de cumprir o desejo de Jesus: «Para que todos sejam um só... a fim de que o mundo creia» (Jo 17, 21). Peço a Deus que vos abençoe, juntamente com os vossos entes queridos e com as vossas comunidades, e a vós, que vos recordeis de mim na oração; e convido-vos a rezar juntos o Pai-Nosso.

Notas de serenidade

Ao pequeno coro do Antoniano de Bolonha

A 7 de dezembro, na Sala Clementina, o Santo Padre recebeu em audiência o pequeno coro Marièle Ventre do Antoniano de Bolonha e nessa ocasião pronunciou este discurso.

Queridas crianças e jovens!

Saúdo-vos com afeto assim como quantos vos seguem nas atividades do *Pequeno Coro Marièle Ventre do Antoniano de Bolonha*, que este ano festeja sessenta anos da competição denominada "Lo Zecchino d'Oro".

Desejo exprimir o meu apreço pela celebridade que o vosso Coro alcançou nestes anos através das bonitas execuções musicais, que encontraram predileção no mundo das crianças e também dos adultos. É isto porque através das vossas canções, com simplicidade e competência, transmitis um sentido de serenidade, tão necessária para todos, especialmente para as famílias provadas por dificuldades e sofrimentos.

Continuai o vosso caminho: cantai os valores autênticos da vida e, mediante o canto, louvai e dai graças a Deus por todo o bem que Ele nos concede. Neste tempo de Advento em preparação para o Santo Natal, as vossas canções, que narram o evento do nasci-

mento de Jesus, possam ajudar quantos vos ouvem a compreender o amor e a admiração do que aconteceu em Belém há dois mil anos. Deus fez-se Menino para estar próximo do homem de todos os tempos, demonstrando-lhe a sua infinita ternura.

Peço-vos que rezeis por mim, e de coração invoco sobre vós a Bênção do Senhor, que estendo ao vosso Assistente espiritual, aos Frades Franciscanos e a todos os vossos familiares.

E agora, de onde estamos sentados tranquilos, olhem para Nossa Senhora que espera o Menino, que espera Jesus. Também todos nós esperamos Jesus, todos, que venha ao nosso coração. Todos juntos rezemos a Nossa Senhora, a Ave-Maria.

[Ave Maria]

Cada vez que tivermos necessidade, se nos sentirmos tristes ou com alguma dificuldade, doentes ou com problemas, peçamos a Nossa Senhora, que nos ensine a esperar Jesus. Jesus vem sempre. É necessário um pouco de paciência, como ela teve – no meio de grandes dificuldades! – para receber Jesus.

Agora concedo a bênção a todos.

Pelos noventa anos do cardeal decano

Homem eclesialmente disciplinado

Na manhã de 7 de dezembro, na Capela paulina do Palácio apostólico, o Papa Francisco presidiu à celebração eucarística por ocasião do nonagésimo aniversário do cardeal decano. Concelebraram trinta e oito purpurados, entre os quais Parolin, secretário de Estado, além de numerosos prelados, entre os quais os arcebispos Becciu, substituto da Secretaria de Estado, Pawłowski, delegado para as Representações pontifícias, e Gänswein, prefeito da Casa pontifícia. Entre os presentes, também as religiosas de Santa Marta que prestam serviço nos aposentos do cardeal Sodano. Após a leitura do trecho evangélico de João, dedicado ao bom Pastor, o decano proferiu a homilia. No final do rito, o Pontífice pronunciou estas palavras.

Todos os dias damos graças ao Senhor por aquilo que Ele faz na nossa vida; mas quando há celebrações importantes – 25º, 50º aniversário e também as dezenas de anos – damos graças a Deus com maior força. E nestas comemorações torna-se mais vigorosa a memória do caminho percorrido, e esta memória leva-nos a oferecer um dom. Memória que é uma dimensão da vida. É uma desgraça perder a memória de tudo o que Deus fez por nós: "Recorda-te, Israel, recorda-te..."; aquela dimensão deuteronômica da vida.

O Cardeal Sodano fez memória destes anos, e cada vez que fazemos memória, encontramos-nos diante de uma nova graça. Memória até da nossa pequenez, dos nossos erros e também dos pecados. São Paulo orgulhava-se deles, porque só Deus merece a glória; todos nós somos frágeis. E esta memória dá-nos a força para caminhar rumo a outro decénio. É uma graça da memória. É aquilo que o Cardeal fez a fim de se preparar para esta celebração é oferecido a nós como dom: a dádiva de um testemunho da vida que faz bem a todos.

Cada vida é diferente. Cada um de nós tem a própria experiência, e o Senhor leva-o por um caminho diverso, mas é sempre o Senhor que nos pega pela mão, é Ele. Este é um dom que recebemos, e nós oferecemos o dom do testemunho de uma vida. O Senhor sabe qual é o verdadeiro testemunho, aquele que está escondido e que fez o bem sem aparecer. Vemos no Cardeal o testemunho



de um homem que fez muito pela Igreja, em diferentes situações, com alegria e com lágrimas. Mas o testemunho que hoje me parece, talvez, o maior que nos dá é o de um homem *eclesialmente disciplinado*, e esta é uma graça pela qual lhe estou grato, Senhor Cardeal. É peço que este testemunho da dimensão eclesial, na disciplina eclesial, nos ajude a ir em frente na nossa vida. Muito obrigado, Senhor Cardeal!

Deus «ao longo das estradas por vezes poeirentas da nossa vida e, consciente da nossa pungente nostalgia de amor e felicidade, chama-nos à alegria», escreveu o Papa Francisco na mensagem enviada por ocasião do quinquagésimo quinto dia mundial de oração pelas vocações, que será celebrado a 22 de abril de 2018, quarto domingo de Páscoa. Eis as palavras do Pontífice.



Mensagem para o dia mundial de oração pelas vocações

Chamada à alegria

Escutar, discernir, viver a chamada do Senhor

Queridos irmãos e irmãs!

No próximo mês de outubro, vai realizar-se a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que será dedicada aos jovens, particularmente à relação entre jovens, fé e vocação. Nessa ocasião, teremos oportunidade de aprofundar como, no centro da nossa vida, está a chamada à alegria que Deus nos dirige, constituindo isso mesmo «o projeto de Deus para os homens e mulheres de todos os tempos» (SÍNODO DOS BISPOS, XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Introdução).

Trata-se de uma boa notícia, cujo anúncio volta a ressoar com vigor no 55.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações: não estamos submersos no acaso, nem à mercê de uma série de eventos caóticos; pelo contrário, a nossa vida e a nossa presença no mundo são fruto de uma vocação divina.

Também nestes nossos agitados tempos, o mistério da Encarnação lembra-nos que Deus não cessa jamais de vir ao nosso encontro: é Deus conosco, acompanha-nos ao longo das estradas por vezes poeirentas da nossa vida e, sabendo da nossa pungente nostalgia de amor e felicidade, chama-nos à alegria. Na diversidade e especificidade de cada vocação, pessoal e eclesial, trata-se de *escutar, discernir e viver* esta Palavra que nos chama do Alto e, ao mesmo tempo que nos permite pôr a render os nossos talentos, faz de nós também instrumentos de salvação no mundo e orienta-nos para a plenitude da felicidade.

Estes três aspetos – *escuta, discernimento e vida* – servem de moldura também ao início da missão de Jesus: passados os quarenta dias de oração e luta no deserto, visita a sua sinagoga de Nazaré e, aqui, põe-Se à escuta da Palavra, discerne o conteúdo da missão que o Pai Lhe confia e anuncia que veio realizá-la «hoje» (cf. *Lc 4, 16-21*).

Escutar

A chamada do Senhor – fique claro desde já – não possui a evidência própria de uma das muitas coisas que podemos ouvir, ver ou tocar na nossa experiência diária. Deus vem de forma silenciosa e discreta, sem Se impor à nossa liberdade. Assim pode acontecer que a sua voz fique sufocada pelas muitas inquietações e solicitações que ocupam a nossa mente e o nosso coração.

Por isso, é preciso preparar-se para uma escuta profunda da sua Palavra e da vida, prestar atenção aos próprios detalhes do nosso dia-a-dia, aprender a ler os acontecimentos com os olhos da fé e manter-se aberto às surpresas do Espírito.

Não poderemos descobrir a chamada especial e pessoal que Deus pensou para nós, se ficarmos fechados em nós mesmos, nos nossos hábitos e na apatia de quem desperdiça a sua vida no círculo restrito do próprio eu, perdendo a oportunidade de sonhar em grande e tornar-se protagonista daquela história única e original que Deus quer escrever conosco.

Também Jesus foi chamado e enviado; por isso, precisou de Se recolher no silêncio, escutou e leu a Palavra na Sinagoga e, com a luz e a força do Espírito Santo, desvendou em plenitude o seu significado relativamente à sua própria pessoa e à história do povo de Israel.

Hoje este comportamento vai-se tornando cada vez mais difícil, imersos como estamos numa sociedade rumorosa, na abundância frenética de estímulos e informações que enchem a nossa jornada. À barafunda exterior, que às vezes domina as nossas cidades e bairros, corresponde frequentemente uma dispersão e confusão interior, que não nos permite parar, provar o gosto da contemplação, refletir com serenidade sobre os acontecimentos da nossa vida e realizar um profícuo discernimento, confiados no desígnio amoroso de Deus a nosso respeito.

Mas, como sabemos, o Reino de Deus vem sem fazer rumor nem chamar a atenção (cf. *Lc 17, 21*), e só é possível individualizar os seus germes quando sabemos, como o profeta Elías, entrar nas profundezas do nosso espírito, deixando que este se

abra ao sopro impercetível da brisa divina (cf. *1 Rs 19, 11-13*).

Discernir

Na sinagoga de Nazaré, ao ler a passagem do profeta Isaías, Jesus discerne o conteúdo da missão para a qual foi enviado e apresenta-o aos que esperavam o Messias: «O Espírito do Senhor está sobre Mim; porque Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar o ano favorável da parte do Senhor» (*Lc 4, 18-19*).

De igual modo, cada um de nós só pode descobrir a sua própria vocação através do discernimento espiritual, um «processo pelo qual a pessoa, em diálogo com o Senhor e na escuta da voz do Espírito, chega a fazer as opções fundamentais, a começar pela do seu estado da vida» (SÍNODO DOS BISPOS, XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, II.2).

Em particular, descobrimos que a vocação cristã tem sempre uma dimensão profética. Como nos atesta a Escritura, os profetas são enviados ao povo, em situações de grande precariedade material e de crise espiritual e moral, para lhe comunicar em nome de Deus palavras de conversão, esperança e consolação. Como um vento que levanta o pó, o profeta perturba a falsa tranquilidade da consciência que esqueceu a Palavra do Senhor, discerne os acontecimentos à luz da promessa de Deus e ajuda o povo a vislumbrar, nas trevas da história, os sinais de uma aurora.

Também hoje temos grande necessidade do discernimento e da profecia, de superar as tentações da ideologia e do fatalismo e de descobrir, no relacionamento com o Senhor, os lugares, instrumentos e situações através dos quais Ele nos chama. Todo o cristão deveria poder desenvolver a capacidade de «ler por dentro» a vida e individualizar onde e para quê o está a chamar o Senhor a fim de ser continuador da sua missão.

Viver

Por último, Jesus anuncia a novidade da hora presente, que entusiasmará a muitos e endurecerá a outros:

cumpriu-se o tempo, sendo Ele o Messias anunciado por Isaías, ungi-do para libertar os cativos, devolver a vista aos cegos e proclamar o amor misericordioso de Deus a toda a criatura. Precisamente «cumpriu-se hoje, afirma Jesus, esta passagem da Escritura que acabais de ouvir» (*Lc 4, 20*).

A alegria do Evangelho, que nos abre ao encontro com Deus e os irmãos, não pode esperar pelas nossas lentidões e preguiças; não nos toca, se ficarmos debruçados à janela, com a desculpa de continuar à espera de um tempo favorável; nem se cumpre para nós, se hoje mesmo não abraçarmos o risco de uma escolha. A vocação é hoje! A missão cristã é para o momento presente! E cada um de nós é chamado – à vida laical no matrimónio, à vida sacerdotal no ministério ordenado, ou à vida de especial consagração – para se tornar testemunha do Senhor, aqui e agora.

Realmente este «hoje» proclamado por Jesus assegura-nos que Deus continua a «descer» para salvar esta nossa humanidade e fazer-nos participantes da sua missão. O Senhor continua ainda a chamar para viver com Ele e seguí-Lo numa particular relação de proximidade ao seu serviço direto. E, se fizer intuir que nos chama a consagrar-nos totalmente ao seu Reino, não devemos ter medo. É belo – e uma graça grande – estar inteiramente e para sempre consagrados a Deus e ao serviço dos irmãos!

O Senhor continua hoje a chamar para O seguir. Não temos de esperar que sejamos perfeitos para dar como resposta o nosso generoso «eis-me aqui», nem assustar-nos com as nossas limitações e pecados, mas acolher a voz do Senhor com coração aberto. Escutá-la, discernir a nossa missão pessoal na Igreja e no mundo e, finalmente, vivê-la no «hoje» que Deus nos concede.

Maria Santíssima, a jovem menina de periferia que escutou, acolheu e viveu a Palavra de Deus feita carne, nos guarde e sempre acompanhe no nosso caminho.

Vaticano, 3 de dezembro de 2017
1.º domingo de Advento

Franciscans

Não devemos parar

Francisco pediu aos luteranos para continuar o caminho ecumênico

«A unidade reconciliada entre os cristãos é uma parte indispensável» do anúncio do Evangelho, recordou o Sumo Pontífice durante a audiência concedida aos membros da presidência da Federação luterana mundial, realizada na manhã de 7 de dezembro. Quem saudou o Santo Padre em nome de todos os presentes foi o presidente, o arcebispo nigeriano Musa Panti Filibus, o qual lhe agradeceu a participação na comemoração dos quinhentos anos da Reforma, que teve lugar em Lund, definindo-a uma dádiva preciosa e um ponto de viragem, graças ao qual já não são os contrastes do passado que determinam a relação entre católicos e luteranos, mas a unidade como dom do Espírito Santo. A seguir, o discurso do Papa Francisco.

Prezado Irmão
Estimado Arcebispo Musa!

Saúdo-o de coração, juntamente com o Dr. Junge, Secretário-Geral, com os Vice-Presidentes e com os Delegados da Federação Luterana Mundial e, enquanto lhe agradeço as suas amáveis palavras, congratulome pela sua recente nomeação para Presidente.

Juntos, como a Escritura ensina, hoje podemos fazer memória daquilo que o Senhor levou a cabo no meio de nós (cf. *Sl* 77, 12-13). A recordação dirige-se, de maneira particular, aos momentos que distinguiram ecumenicamente o Ano da Comemoração da Reforma, há pouco encerrado. Apraz-me pensar de novo sobretudo no dia 31 de outubro de 2016, quando pudemos rezar em Lund, onde foi instituída a Federação Luterana Mundial. Foi importante encontrar-nos antes de tudo na oração, porque o dom da unidade entre os crentes não germina nem floresce a partir de projetos humanos, mas da graça de Deus. Somente rezando podemos proteger-nos uns aos outros. A oração purifica, fortalece, ilumina o caminho e faz ir em frente. A oração é como o combustível da nossa viagem rumo à plena unidade. Com efeito, o amor do Senhor, que obtemos rezando, põe em movimento a caridade que nos aproxima: daqui deriva a paciência do nosso esperar-nos, o motivo do nosso reconciliar-nos, a força para ir em frente juntos. A partir da oração, que é «a alma da renovação ecumênica e da aspiração à unidade»; o diálogo «fundamenta-se sobre ela e dela recebe sustento» (cf. Carta Enc. *Ut unum sint*, 28).

Rezando, podemos ver-nos uns aos outros cada vez na correta perspectiva, a do Pai, cujo olhar se pousa sobre nós amorosamente, sem preferências nem distinções. E no Espírito de Jesus, no qual oramos, reconhecemo-nos irmãos. Este é o ponto do qual partir e voltar a partir sempre. Daqui olhamos também para a história passada e damos graças a Deus porque as divisões, até muito dolorosas, que nos viram distantes e opostos uns aos outros durante séculos, nas últimas décadas confluíram num caminho de comunhão, na vereda do ecumenismo suscitado pelo Espírito Santo. Ele levou-nos a abandonar os antigos preconceitos, como aqueles sobre Martinho Lutero e sobre a situação da Igreja católica nesse período. Para isto contribuiu notavelmente o diálogo entre a Federação Luterana Mundial e o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, levado em frente desde 1967; um diálogo do qual hoje é preciso recordar com

gratidão, depois de cinquenta anos, reconhecendo também alguns textos particularmente importantes, como a *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* e, por último, o documento *Do conflito à comunhão*.

Com a memória purificada, hoje podemos olhar com confiança para um futuro não sobrecarregado de contrastes e preconceitos do passado; um porvir sobre o qual só pesa a dívida do amor recíproco (cf. *Rm* 13,

8); um futuro no qual somos chamados a discernir os dons que derivam das diversas tradições confessionais e a aceitá-los como património comum. Com efeito, antes das oposições, das diferenças e das feridas do passado, está a realidade presente, comum, fundativa e permanente do nosso Batismo. Ele tornou-nos filhos de Deus e irmãos entre nós. Por isso, nunca mais poderemos permitir-nos ser adversários ou rivais. E se o passado não se pode mudar, o futuro interpela-nos: agora, não podemos deixar de procurar e promover uma maior comunhão na caridade e na fé.

Somos chamados também a vigiar, perante a tentação de parar ao longo do caminho. Na vida espiritual, assim como na vida eclesial, quando estamos parados voltamos sempre atrás: contentar-se, deter-se por medo, preguiça, cansaço ou conveniê-

cia, enquanto se caminha rumo a Senhor com os irmãos, significa declinar o seu próprio convite. E para avançar juntos rumo a Ele não são suficientes boas ideias, mas é preciso dar passos concretos e estender a mão. Isto quer dizer, acima de tudo, engajar-nos na caridade, olhando para os pobres, os irmãos mais pequeninos do Senhor (cf. *Mt* 25, 40): são estes os nossos preciosos indicadores ao longo do caminho. Far-nos-á bem tocar as suas feridas com a força purificadora da presença de Jesus e com o bálsamo do nosso serviço.

Com este estilo simples, exemplar e radical somos chamados, de maneira especial hoje, a anunciar o Evangelho, prioridade do nosso ser cristãos no mundo. A unidade reconciliada entre os cristãos é uma parte indispensável deste anúncio: «Na verdade, como anunciar o Evangelho da reconciliação sem, contemporaneamente, se empenhar a agir pela reconciliação dos cristãos?» (*Ut unum sint*, 98). Ao longo do caminho, somos animados pelos exemplos de quantos padeceram por causa do nome de Jesus e já foram reconciliados plenamente na vitória pascal. Nos dias de hoje, ainda existem muitas pessoas que sofrem devido ao testemunho de Jesus: o seu heroísmo manso e pacífico constitui para nós uma chamada urgente a uma fraternidade cada vez mais real.

Estimado Irmão, invoco de coração sobre Vossa Excelência todas as Bênçãos de Deus e peço ao Espírito Santo, que une quanto está dividido, a fim de que derrame sobre nós a sua sabedoria plácida e corajosa. E a cada um de vós peço, por favor, que reze por mim.

Obrigado!



O Papa convidou cientistas, economistas e políticos a colaborar

Nenhuma atitude negacionista acerca da crise ambiental

Perante a atual crise ambiental não é lícita «alguma atitude negacionista», afirmou o Sumo Pontífice no mensagem vídeo enviada aos participantes no congresso internacional sobre «*Laudato si'*. O cuidado da casa comum, uma conversão necessária para a ecologia humana» — promovido pela universidade católica da Costa Rica, com a colaboração da Fundação vaticana Joseph Ratzinger Bento XVI — que teve lugar de 29 de novembro a 1 de dezembro em San José. Publicamos a seguir a nossa tradução do texto da mensagem pontificia.

Saúdo todos vós que participais neste Congresso organizado pela Universidade Católica da Costa Rica, com a colaboração da Fundação Ratzinger. Agradeço ao Presidente da República o apoio oferecido a esta iniciativa, a qual promove uma causa que muito me preocupa.

Através da Encíclica *Laudato si'* voltei a chamar a atenção da humanidade e da Igreja para as exigências mais urgentes que dizem respeito ao cuidado da nossa casa comum e ao presente e futuro dos povos que nela habitam. Os problemas da destruição do meio ambiente natural são cada vez mais graves, e as consequências sobre a vida das pessoas são dramáticas.

Para os enfrentar é necessário ter uma visão ampla das causas, da natureza da crise e dos seus diversificados aspetos. Perante esta problemática mundial, não é lícita alguma atitude negacionista. É indispensável a

colaboração de cientistas, sociólogos, economistas e políticos, assim como de educadores e formadores das consciências. Porque sem uma verdadeira conversão das nossas atitudes e dos nossos comportamentos quotidianos, as soluções técnicas não serão suficientes para salvar a nossa casa comum.

Como justamente disse o Papa Bento XVI, é necessária uma «ecologia humana», que coloque no centro o desenvolvimento integral da pessoa e apele à sua responsabilidade pelo bem comum, pelo respeito e pela boa administração das criaturas que Deus nos confiou.

Faço votos de coração para que este Congresso dê um vigoroso impulso à colaboração das Universidades católicas — em particular na América Latina e nas Caraíbas — para o estudo dos problemas, do desenvolvimento da situação e das possíveis soluções; e também para sugerir propostas concretas, com a finalidade de suscitar uma responsabilidade mais viva pelo cuidado da casa comum, não apenas nas pessoas individualmente, mas inclusive nas comunidades políticas, sociais, eclesiais e, enfim, nas famílias.

São necessários a solidariedade e o esforço da parte de todos. E Encíclica *Laudato si'* é um apelo a todos e a cada um. É preciso a colaboração de todos para acolher a mensagem da *Laudato si'* e traduzi-la na vida concreta, pelo bem e pelo futuro da família humana.

Obrigado pelo vosso trabalho. Deus vos abençoe!

El Greco
«São João Batista»

Angelus no primeiro domingo de Advento

Um caminho no deserto

O Advento é o tempo propício para «aplainar caminhos de esperança no deserto dos corações áridos de tantas pessoas», disse o Pontífice durante o Angelus de domingo, 10 de dezembro, na praça de São Pedro.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

No domingo passado iniciámos o Advento com o convite a vigiar: hoje, segundo domingo deste tempo de preparação para o Natal, a liturgia indica-nos os seus conteúdos específicos: é um tempo para reconhecer os vazios a serem preenchidos na nossa vida, para *aplainar as asperezas* do orgulho e dar espaço a Jesus que vem.

O profeta Isaías dirige-se ao povo, anunciando o fim do exílio na Babilónia e o regresso a Jerusalém. Ele profetiza: «Uma voz clama: “Preparai no deserto um caminho para o Senhor [...] todo o vale seja alterado”» (40, 3-4). Os vales a serem alterados representam todos os vazios do nosso comportamento diante de Deus, todos os nossos pecados de omissão. Um vazio na nossa vida pode ser o facto de não rezarmos ou de rezarmos pouco. Portanto, o Advento é o tempo favorável para rezar com mais intensidade, para reservar à vida espiritual o lugar importante que lhe compete. Outro vazio poderia ser a falta de caridade para com o próximo, sobretudo para com as pessoas mais necessitadas de ajuda não só material, mas também espiritual. Somos chamados a estar mais atentos às necessidades dos outros, mais próxi-

mos. Como João Batista, deste modo podemos abrir caminhos de esperança no deserto dos corações áridos de tantas pessoas.

«Toda a colina e toda a montanha sejam abaxadas» (v. 4), exorta ainda Isaías. Os montes e as colinas que devem ser abaxadas são o orgulho, a soberba, a prepotência. Onde há orgulho, onde há prepotência, onde há soberba o Senhor não pode entrar porque aquele coração está cheio de orgulho, de prepotência, de soberba. Por isso, devemos abaxar este orgulho. Devemos assumir atitudes de mansidão e de humildade, sem gritar, ouvir, falar com mansidão para preparar assim a vinda do nosso Salvador, Ele que é manso e humilde de coração (cf. Mt 11, 29). Depois é-nos pedido para eliminar todos os obstáculos que levantamos contra a nossa união com o Senhor: «todos os cumes sejam aplainados e todos os terrenos escarpados sejam nivelados! Então a glória de Deus – diz Isaías – manifestar-se-á e todas as criaturas juntamente a verão» (Is 40, 4-5). Mas estas ações devem ser realizadas com alegria, porque se destinam à preparação da chegada de Jesus. Quando esperamos em casa a visita de uma pessoa querida, predisposmos tudo com esmero e felicidade. Ao mesmo tempo, queremos predispor-nos para a vinda do Senhor: esperar todos os dias com solicitude, para sermos colmados com a sua graça quando ele vier.

O Salvador que aguardamos é capaz de transformar a nossa vida com a sua graça, com a força do Espírito Santo, com a força do amor. Com



efeito, o Espírito Santo derrama nos nossos corações o amor de Deus, fonte inexaurível de purificação, de vida nova e de liberdade. A Virgem Maria viveu em plenitude esta realidade, deixando-se “batizar” pelo Espírito Santo que a inundou com o seu poder. Ela, que preparou a vinda de Cristo com a totalidade da sua existência, nos ajude a seguir o seu exemplo e guie os nossos passos ao encontro do Senhor que vem.

Mais atentos às necessidades dos pobres

Por ocasião da oferta da árvore e do presépio para São Pedro

«O Natal do Senhor seja ocasião para estarmos mais atentos às necessidades dos pobres», disse o Papa Francisco ao encontrar-se com as delegações polaca e italiana que trouxeram a árvore e o presépio oferecidos para a praça de São Pedro. A audiência, que teve lugar a 7 de dezembro na Sala Paulo VI, foi introduzida pelo cardeal Bertello, presidente do Governatorato. Sucessivamente, saudaram o Papa o abade de Montevergine, o bispo de Elk e o arcebispo de Spoleto-Norcia.

Queridos irmãos e irmãs!

É uma alegria para mim receber-vos nesta circunstância e dirigir-vos o meu agradecimento pelo dom do presépio e da árvore de Natal, colocados na praça de São Pedro. Transmito de coração a todos vós a minha saudação, iniciando pelas Autoridades e representantes das Instituições que promoveram esta iniciativa. Saúdo o Abade de Montevergine, pelo dom do presépio; o Arcebispo de Warmia e o Bispo de Elk na Polónia... de onde provém a árvore, juntamente com a Direção das Florestas Estatais de Białystok. Saúdo também as crianças em tratamento nas unidades oncológicas de alguns hospitais italianos e das regiões que sofreram o sismo no Centro da Itália, coordenados pela Fundação “Condessa Lene Thun”, que realizaram os enfeites.

Todos os anos o presépio e a árvore de Natal falam-nos com a sua linguagem simbólica. Eles tornam mais visíveis o que se aprende na experiência do nascimento do Filho de Deus. São os sinais da compaixão do Pai celeste, da sua participação e proximidade junto da humanidade, a qual sente que não está abandonada na noite dos tempos, mas visitada e acompanhada nas próprias dificuldades. A árvore, que aponta para o alto, estimula a elevarmo-nos “para os dons mais altos” (cf. 1 Cor 12, 31), a erguermo-nos para além da neblina que ofusca, a fim de sentirmos como é bom e jubiloso estar imersos na luz

de Cristo. Na simplicidade do presépio encontramos e contemplamos a ternura de Deus, manifestada na do Menino Jesus.

O presépio este ano, realizado na típica expressão da arte napolitana, inspira-se nas obras de misericórdia. Elas recordam-nos que o Senhor nos disse: “O que quiserdes que os homens vos façam, também vós fazei a eles” (Mt 7, 12). O presépio é o lugar sugestivo no qual contemplamos Jesus, que assumindo sobre si as misérias do homem, nos convida a fazer o mesmo através de ações de misericórdia. A árvore, proveniente este ano da Polónia, é sinal da fé daquele povo que, inclusive com este gesto, quis exprimir a própria fidelidade à sé de Pedro.

Queridas crianças, o meu obrigado é dirigido sobretudo a vós. Para os vossos trabalhos transferistes os vossos sonhos e desejos que quereis elevar ao céu e fazer conhecer Jesus, que se faz criança como vós para dizer que vos ama. Obrigado pelo vosso testemunho, por terdes tornado mais bonitos esses símbolos natalícios, que os peregrinos e os visitantes provenientes do mundo inteiro poderão admirar. Obrigado! Obrigado! Esta noite, quando se acenderem as luzes do presépio e da árvore de Natal, também os desejos que transferistes para os vossos trabalhos de decoração da árvore serão iluminados e vistos por todos. Obrigado!

O Natal do Senhor seja ocasião para estarmos atentos às necessidades dos pobres e daqueles que, como Jesus, não encontram alguém que os acolha. A vós aqui presentes, aos vossos entes queridos e a quantos representais, formulo sentidos votos de Feliz Natal. Garanto-vos a minha oração a fim de que o Senhor receba e atenda as vossas expectativas. Também vós rezai por mim e pelo meu serviço à Igreja.

E agora concedo a bênção a todos vós, mas antes rezemos a Nossa Senhora, juntos: Ave Maria...

No final da prece mariana, o Papa recordou o «forte vínculo» entre direitos humanos e desarmamento nuclear, fazendo depois um apelo a favor da luta contra as mudanças climáticas e expressando a sua proximidade às populações indianas e albanesas atingidas por furacões.

Queridos irmãos e irmãs!

Hoje será conferido o Prémio Nobel da Paz à Campanha Internacional para abolir as armas nucleares. Este reconhecimento coincide com o Dia das Nações Unidas para os Direitos Humanos, e isto evidencia o forte vínculo entre os direitos humanos e o desarmamento nuclear. Com efeito, comprometer-se pela tutela da dignidade de todas as pessoas, de maneira especial pelas mais débeis e desfavorecidas, significa trabalhar também com determinação para construir um mundo sem armas nucleares. Deus dá-nos a capacidade de colaborar para construir a nossa casa comum: temos a liberdade, a inteligência e a capacidade de guiar a tecnologia, de limitar o nosso poder, ao serviço da paz e do verdadeiro progresso (cf. Carta enc. *Laudato si'*, 78, 112, 202).

Depois de amanhã terá lugar em Paris a Cimeira “Our Planet Summit”. Dois anos após a adoção do Acordo de Paris sobre o clima, ele pretende renovar o compromisso pela sua concretização e consolidar uma estratégia partilhada para contrastar o fenómeno preocupante da mudança climática. Faço sentidos votos por que esta Cimeira, assim como as demais iniciativas que vão na mesma direção, favoreçam uma clara tomada de consciência sobre a necessidade de adotar decisões realmente eficazes para contrastar as mudanças climáticas e, ao mesmo tempo, combater a pobreza e promover o desenvolvimento humano integral.

Neste contexto gostaria de expressar a minha proximidade às populações indianas atingidas pelo furacão Okhi, sobretudo às famílias dos muitíssimos pescadores dispersos; e também à população da Albânia, duramente provada por graves inundações.

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos! Desejo a todos feliz domingo e um bom caminho de Advento, aplainando a via para o Senhor que vem.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

História e destino da cidade três vezes santa

GIOVANNI MARIA VIAN

«Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita. Que a minha língua se cole ao paladar, se eu não me lembrar de ti e se eu não elevar Jerusalém ao topo da minha alegria!» (Salmo 136, 5-6). As pungentes palavras de um poeta anônimo, forçado a se distanciar da cidade – talvez em exílio na Babilô-

Emblemática do papel especial da cidade entre os judeus radicados em outras nações é a longa digressão que lhe é dedicada pela *Carta de Aristeus*. O texto judaico-helenístico é um belíssimo escrito de propaganda da segunda metade do século II antes da Era Cristã e deve a sua fama ao relato, de traços lendários bem enraizados na história,

que oferecem as vítimas – mas tudo ocorre com reverência digna da majestade divina (...). A visão geral de tal espetáculo desperta temor reverencial e assombro, a ponto de se pensar que chegamos em outro mundo, fora do nosso. Posso assegurar que quem quer que vá assistir à cena descrita será tomado por uma indizível admiração e estupor, e ficará abalado no seu íntimo pela marca de santidade implícita em cada detalhe» (89-99).

Dois séculos depois, tudo acabou: ao término da terrível guerra judaica narrada por Flávio Josefo, no ano 70, o grande templo, magnificamente restaurado por Herodes, o Grande, foi incendiado, enquanto, em 135, reprimida a última revolta antirromana, a cidade foi arrasada, e o seu nome apagado, substituído pelo pagão – desejado pelo imperador Adriano e execrável aos ouvidos dos judeus – de Aelia Capitolina. Quem salvou a sua memória (e o seu nome) foram os cristãos, dos quais já ao redor do ano 170 estão atestadas peregrinações, como a do bispo Melitão de Sardes, que quis se documentar sobre as Escrituras judaicas lá “onde elas foram pregadas e se desenvolveram” (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, IV, 26, 14).

E Eusébio observa que, no seu tempo – no início do século IV – dirigiam-se a Jerusalém os crentes em Cristo “de todas as partes do mundo, não, como no passado, para admirar o esplendor da cidade ou para rezar no antigo Templo”, mas sim «para admirar os efeitos da conquista e da destruição de Jerusalém» e, acima de tudo, «para rezar no Monte das Oliveiras em frente à cidade», lá «onde se estiveram os pés do Salvador» (*Demonstração Evangélica*, VI, 18, 23).

O autor do renascimento religioso de Jerusalém e de toda a região foi Constantino, imperador entre 306 e 337, após a revolução pró-cristã de 312 e graças a uma imponente política edificatória que constelou de lugares de culto toda a Palestina, transformada em “terra santa” dos cristãos e cada vez mais meta de peregrinações, como Eusébio narra ainda com claro espírito antijudaico: «As ordens recém-emissivas imperativas tornavam-se obrigatórias, e, assim, no mesmo lugar onde o Salvador foi sepultado, foi construída a nova Jerusalém, em contraposição à cidade antiga e famosa, que, após o cruel assassinato de nosso Senhor, foi abalada até sofrer a devastação extrema, pagando com isso o tributo pela culpa dos seus ímpios habitantes. Diante dela, o imperador, com suntuosa e pródiga munificência, edificou um monumento que testemunhava a vitória que o Salvador havia alcançado contra a morte, e talvez não seja errado identificar precisamente nesse monumento a novíss-

ma Jerusalém anunciada pelos oráculos dos profetas, aquela Jerusalém em encerrada em 1917 pela entrada em Jerusalém das tropas britânicas – foram uma sucessão muitas vezes trágica de acontecimentos que os Oriente e Ocidente, sagrado e profano, miséris e sonhos, ideais e interesses políticos se misturaram inextricavelmente, como mostra de modo emblemático o caso das Cruzadas na história, na propaganda e no imaginário coletivo. No entanto, também na Idade Moderna e Contemporânea, a mistura entre mitos religiosos e realizações políticas marcou a cidade, e o motivo é, em última análise, o valor escatológico de Jerusalém para os três grandes monoteísmos que cresceram um sobre o outro, um contra o outro, um com o outro, indissolúvelmente. Assim, na Inglaterra anglicana do século XVII – como agora entre os fundamentalistas protestantes estadunidenses – refletia-se sobre o retorno dos judeus à Palestina e sobre a sua conversão final, preldio para a vinda final de Cristo, enquanto a crítica religiosa judaica foi a primeira a se opor às teorias do sionismo político, nascido perto do fim do século XIX e realizado no século XX, o século despedaçado pela catástrofe europeia da Shoá. Sionismo e Shoá são historicamente os sinais do nascimento, em 1948, do Estado de Israel. E, na segunda metade do século XX – entre guerras e inescrupulosas políticas de poder de cada um dos adversários e dos seus defensores, que nunca olharam para o interesse dos povos, particularmente do palestino – parece uma miragem distante a paz invocada para Jerusalém pelo salmista.

Na Basílica do Santo Sepulcro, Eusébio – testemunha quase incrédula da inversão do destino cristão em menos de trinta anos, da feroz perseguição diocleciana que se enfureceu contra a Palestina até o nascimento da “terra santa” – assim identificava a Jerusalém escatológica entrevista pelos profetas e

Capital das religiões

Sempre foi atormentada a história da cidade santa, à qual são dedicados os livros de Eric H. Cline *Jerusalemme assediata. Dall'antica Canaan allo Stato d'Israele* (Torino, Bollati Boringhieri, 2017, pagine 421, 26 euros) e de Giovanni Brizzi *70 d. C. La conquista di Gerusalemme* (Roma-Bari, Editori Laterza, 2015, páginas XI + 486). Da revista *Vita e Pensiero* (86, 2003, n. 6, pp. 17-21) publicamos o artigo que saiu com o título *Sas para Jerusalém, capital das religiões*.

que, depois, sempre permaneceu no plano de fundo da apocalíptica judaica. Mas a história não terminou, e Jerusalém conheceu novas guerras e conquistas de todo, «para rezar no Monte das Oliveiras em frente à cidade», lá «onde se estiveram os pés do Salvador» (*Demonstração Evangélica*, VI, 18, 23).

O autor do renascimento religioso de Jerusalém e de toda a região foi Constantino, imperador entre 306 e 337, após a revolução pró-cristã de 312 e graças a uma imponente política edificatória que constelou de lugares de culto toda a Palestina, transformada em “terra santa” dos cristãos e cada vez mais meta de peregrinações, como Eusébio narra ainda com claro espírito antijudaico: «As ordens recém-emissivas imperativas tornavam-se obrigatórias, e, assim, no mesmo lugar onde o Salvador foi sepultado, foi construída a nova Jerusalém, em contraposição à cidade antiga e famosa, que, após o cruel assassinato de nosso Senhor, foi abalada até sofrer a devastação extrema, pagando com isso o tributo pela culpa dos seus ímpios habitantes. Diante dela, o imperador, com suntuosa e pródiga munificência, edificou um monumento que testemunhava a vitória que o Salvador havia alcançado contra a morte, e talvez não seja errado identificar precisamente nesse monumento a novíss-

no seu nome árabe, al-Quds, a absolutez da santidade divina. Os quase treze séculos da dominação islâmica – encerrada em 1917 pela entrada em Jerusalém das tropas britânicas – foram uma sucessão muitas vezes trágica de acontecimentos que os Oriente e Ocidente, sagrado e profano, miséris e sonhos, ideais e interesses políticos se misturaram inextricavelmente, como mostra de modo emblemático o caso das Cruzadas na história, na propaganda e no imaginário coletivo. No entanto, também na Idade Moderna e Contemporânea, a mistura entre mitos religiosos e realizações políticas marcou a cidade, e o motivo é, em última análise, o valor escatológico de Jerusalém para os três grandes monoteísmos que cresceram um sobre o outro, um contra o outro, um com o outro, indissolúvelmente. Assim, na Inglaterra anglicana do século XVII – como agora entre os fundamentalistas protestantes estadunidenses – refletia-se sobre o retorno dos judeus à Palestina e sobre a sua conversão final, preldio para a vinda final de Cristo, enquanto a crítica religiosa judaica foi a primeira a se opor às teorias do sionismo político, nascido perto do fim do século XIX e realizado no século XX, o século despedaçado pela catástrofe europeia da Shoá. Sionismo e Shoá são historicamente os sinais do nascimento, em 1948, do Estado de Israel. E, na segunda metade do século XX – entre guerras e inescrupulosas políticas de poder de cada um dos adversários e dos seus defensores, que nunca olharam para o interesse dos povos, particularmente do palestino – parece uma miragem distante a paz invocada para Jerusalém pelo salmista.

A ofensiva terrorista em escala mundial – que até agora teve o seu auge no tremendo ataque de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos, que reserva, quase todos os dias, horripantes novidades – complicou muito o cenário internacional, no qual sempre se deve situar a já quinquentenária questão do Oriente Próximo e de Jerusalém. E precisamente a condição da cidade parece ser hoje um símbolo do trágico impasse em que parece afundar toda esperança e do qual são expulsas as vozes que invocam uma

solução negociável. Para a cidade, anexada por Israel em duas fases (em 1948 e em 1967), a Santa Sé – que, desde 1994, tem relações diplomáticas normais com Israel – continua sendo favorável à resolução da Organização das Nações Unidas que, em 1947, deixava para Jerusalém um status especial garantido internacionalmente.

No contexto mais amplo da questão palestina, que exige uma solução urgente, a preocupação da Santa Sé é com a paz e com o apoio à presença católica e cristã na região. De fato, extremismos políticos e fundamentalismos religiosos estão cada vez mais reduzindo a consistência das diversas comunidades cristãs e até mesmo as peregrinações.

Depois de mais de meio século de sangue e de ódio – para se limitar à história recente – é preciso, pelo menos em Jerusalém, abandonar ressentimentos e reivindicações. O verdadeiro destino da cidade, nos três monoteísmos, é o escatológico. Os crentes devem ter consciência disso, rezar e agir; e quem não crede deve levar isso em consideração. No interesse de uma convivência finalmente tolerante e pacífica. (tirado do site www.ihu.unisinos.br)

Francisco pede perspicácia e prudência

Evitar uma nova espiral de violência

A Santa Sé segue com grande atenção a evolução da situação no Médio Oriente, com referência especial a Jerusalém, cidade sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos de todo o mundo. Ao exprimir pesar pelos conflitos que nos últimos dias causaram vítimas, o Santo Padre renovou o seu apelo à perspicácia e à prudência de todos e elevou fervorosamente a fim de que os responsáveis pelas nações, neste momento de particular gravidade, se comprometam a evitar uma nova espiral de violência, respondendo, com palavras e factos, aos anseios de paz, justiça e segurança das populações daquela terra martirizada.

As preocupações pelas perspectivas de paz na região são objeto nestes dias de várias iniciativas, entre as quais as reuniões convocadas com urgência pela Liga Árabe e pela Organização para a Cooperação Islâmica. A Santa Sé mostra-se sensível a tais preocupações e, evocando as palavras fervorosas do Papa Francisco, reafirma a sua conhecida posição acerca do singular caráter da Cidade Santa e da imprescindibilidade do respeito pelo seu status quo, em conformidade com as deliberações da Comunidade internacional e com as repetidas súplicas das Hierarquias das Igrejas e das comunidades cristãs da Terra Santa. Ao mesmo tempo, reitera a própria convicção de que só uma solução negociada entre Israelitas e Palestinos pode levar a uma paz estável e duradoura e garantir a coexistência pacífica de dois Estados dentro de confins internacionalmente reconhecidos.



Apelo dos líderes cristãos ao presidente Trump Jerusalém património de todos

A anunciada transferência da embaixada dos Estados Unidos de Tel Aviv para Jerusalém corre o risco de «produzir um aumento do ódio, do conflito, da violência e dos sofrimentos em Jerusalém e na Terra Santa». Eis o alarme expresso, pouco tempo depois da declaração do presidente Trump, pelos responsáveis das Igrejas de Jerusalém, os quais afirmaram que acompanham «com preocupação» as notícias de um reconhecimento «unilateral» da cidade como capital de Israel. Uma tomada de posição manifestada poucas horas depois das palavras de «profunda preocupação» pronunciadas pelo Pontífice que, na audiência geral de quarta-feira 5 de dezembro, lançou um apelo urgente a fim de que «seja compromisso de todos respeitar o status quo,

em conformidade com as pertinentes resoluções das Nações Unidas». A declaração dos líderes cristãos da cidade santa está contida numa carta dirigida ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A missiva foi assinada por treze representantes de diversas confissões presentes em Jerusalém, entre as quais o patriarca greco-ortodoxo Teófilo III, o patriarca arménio apóstolico, Nourhan Manougian, o arcebispo administrador apóstolico do patriarcado de Jerusalém dos Latinos, Pierbattista Pizzaballa, e o guardião da Terra Santa, padre Francesco Patton. No texto evidencia-se o perigo de um afastamento «do objetivo de unidades, caminhando na direção de uma «divisão destrutiva». Por isso, os líderes cristãos pediram ao presidente Trump que «ajude todos nós a mover-nos rumo a uma paz e a um amor duraduros», finalidade que «não pode ser alcançada» se não se considerar a cidade santa património «de todos». Nesta perspectiva, escreveram, «o nosso apelo, e solene conselho, é que os Estados Unidos continuem a reconhecer o atual status internacional de Jerusalém. Qualquer mudança imprevista poderia causar danos irreparáveis. Estamos confiantes de que, com o forte apoio dos nossos amigos israelitas e palestinos, podemos trabalhar para negociar uma paz sustentável e justa, em vantagem de todos aqueles que desejam que a cidade santa de Jerusalém realize o seu destino».

Com efeito, lê-se na mensagem, Jerusalém poderá «ser compartilhada e desfrutada plenamente quando o processo político conseguir libertar das condições de conflito e destruição o coração de todas as pessoas que vivem no seu sítio». Por isso, pediram que Jerusalém «não seja desprovida da paz», exatamente na iminência do Natal. E dirigindo-se de modo direto ao presidente Trump, os líderes cristãos convidaram-no a «caminhar ao nosso lado na esperança, enquanto edificamos uma paz justa e inclusiva para todos os povos desta cidade singular e santa».

Também o secretário-geral do *World Council of Churches* (Wcc), Olav Fykse Tveit, manifestou a sua profunda preocupação por uma decisão que põe ulteriormente em perigo o equilíbrio já precário da região médio-oriental. Com efeito, numa declaração divulgada pelo site do Wcc foi evidenciado que a nova linha política de Washington «terá graves repercussões sobre a segurança e a estabilidade do Médio Oriente, tornando vãos os esforços da administração norte-americana até agora envidados em benefício do processo de paz, e alimentando os ressentimentos dos palestinos, tanto muçulmanos como cristãos». Expressaram-se nesta mesma linha também o presidente e o secretário-geral da Federação mundial luterana, respectivamente o arcebispo Panní Filibus Musa e o pastor Martin Junge. Numa carta aberta endereçada ao presidente Trump, escreveram: «O Médio Oriente e o mundo têm necessidade de paz, não de ulterior violência».



Porta de Damasco

nia no século VI antes da Era Cristã – eocam novamente as dos chamados salmos graduais ou das ascensões. Essas 15 composições (120-134 na numeração hebraica, 119-133 na grega e latina, mais difundida) eram provavelmente cantadas pelos peregrinos judeus que subiam à colina hierosolimitana, onde surgia o antigo santuário atribuído ao mítico soberano Salomão, destruído pelos babilônios e muito mais tarde reconstruído: «Nossos passos já se detêm junto aos teus umbrais, Jerusalém! Jerusalém é fundada como cidade bem compacta. Para ela sobem as tribos, as tribos do Senhor (...) Desejam a paz para Jerusalém» (121, 2-4,6). Nessas palavras – mais tarde assumidas pelos cristãos e, graças a elas, enormemente difundidas (pense-se no destino litúrgico, musical e poético) – pode-se resumir o vínculo muito forte e inegável da antiga religião de Israel e, depois, do judaísmo com o então pequeno centro, destinado a uma ventura simbólica incomparável e a um destino histórico fascinante e trágico.

Jerusalém numa fotografia de 1956

O Papa pediu aos leigos católicos para não permanecerem às margens da coisa pública

Para reabilitar a dignidade da política

Hoje é preciso «reabilitar a dignidade da política», através de uma nova geração de leigos católicos para que «não permaneçam indiferentes à coisa pública», recomendou o Papa numa mensagem vídeo enviada aos participantes no «Encontro dos leigos católicos que assumem as responsabilidades políticas ao serviço dos povos da América Latina», organizado pela Pontifícia comissão para a América Latina (Cal) e pelo Conselho episcopal latino-americano (Celam), que teve lugar em Bogotá, na Colômbia, na sede da Conferência episcopal nacional, de 1 a 3 de dezembro, dez anos depois da publicação do documento de Aparecida. Eis a nossa tradução do texto pontifício.

Bom dia!

Dejo antes de mais saudar e agradecer aos dirigentes políticos que aceitaram o convite para participar num evento que eu mesmo encorajei desde a sua gênese: «o Encontro dos leigos católicos que assumem responsabilidades políticas ao serviço dos povos da América Latina». Saúdo também os senhores Cardeais e Bispos que os acompanham, com os quais terei um diálogo que será muito útil para todos.

Desde o Papa Pio XII até hoje, os Pontífices que se sucederam referiram-se sempre à política como “nobre forma de caridade”. Poderia ser traduzido também como *serviço* inestimável de dedicação para a consecução do bem comum da sociedade. A política é antes de mais *serviço*; não é serva de ambições individuais, de prepotência de facções e de centros de interesses. Como *serviço*, nem sequer é dona, pretendendo regular todas as dimensões da vida das pessoas, recorrendo até a formas de autocracia e totalitarismo. E quando falo de autocracia e de totalitarismo não estou a falar do século passado, mas sim de hoje, do mundo de hoje, e talvez também de alguns países da América Latina. Poderíamos afirmar que o *serviço* de Jesus – que veio para servir e não para ser servido – e o *serviço* que o Senhor exige dos seus apóstolos e discípulos é por analogia o tipo de *serviço* que se pede aos políticos. Trata-se de um *serviço* de sacrifício e de dedicação, a ponto que por vezes os políticos podem ser considerados “mártires” de causas pelo bem comum das suas nações.

O ponto de referência fundamental deste *serviço*, que requer constância, engajamento e inteligência, é o bem comum, sem o qual os direitos e as mais nobres aspirações das pessoas, das famílias e dos grupos intermediários em geral, não poderiam realizar-se plenamente, porque viria a faltar o espaço organizado e civil no qual viver e trabalhar. É de certa forma o bem comum concebido como clima de crescimento da pessoa, da família, dos grupos intermediários. O bem comum. O Concílio Vaticano II definiu o bem comum, segundo o património da Doutrina Social da Igreja, como «o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (*Gaudium et spes*, 74).

É claro que não se deve contrapor o *serviço* ao poder – ninguém quer

um poder impotente! – mas o poder deve estar ordenado para o *serviço* a fim de não degenerar. Isto é, qualquer poder não ordenado para o *serviço* degenera. Naturalmente não me estou a referir à “boa política”, na acepção mais nobre do seu significado, nem sequer às degenerações daquela a que chamamos “polítiquice”. «Para estabelecer uma vida política verdadeiramente humana – ensina ainda o Concílio – nada melhor do que fomentar sentimentos interiores de justiça e benevolência e *serviço* do bem comum e reforçar as convicções fundamentais acerca da verdadeira natureza da comunidade política, bem como do fim, reto exercício e limites da autoridade» (*Ibid.*, 73). Estou certos de que a Igreja católica «louva e aprecia o trabalho de quantos se dedicam ao bem da nação e tomam sobre si o peso de tal cargo, ao *serviço* dos homens» (*Ibid.*, 75).

Ao mesmo tempo, estou certo também de que todos sentimos necessidade de *reabilitar a dignidade da política*. Se penso na América Latina, como não observar o descrédito popular no qual caíram todas as instâncias políticas, a crise dos partidos políticos, a ausência de debates políticos de valor que visem projetos e estratégias a nível nacional e continental que vão além das políticas de cabotagem! Além disso, o diálogo aberto e respeitador que procura convergências possíveis é com frequência substituído por rajadas de acusações recíprocas e quedas demagógicas. Faltam também a formação e o intercâmbio de novas gerações políticas. Por isso os povos olham de longe e criticam os políticos e vemos-nos como uma corporação de profissionais que cuidam dos próprios interesses ou denunciam-nos com raiva, por vezes sem as devidas distinções, como impregnados de corrupção. Isto nada tem a ver com a necessária e positiva participação dos povos, apaixonados pela própria vida e destino, que deveria animar o cenário político das nações. É claro que há necessidade de dirigentes políticos que vivam com paixão o seu *serviço* aos povos, que vibrem com as fibras íntimas do seu *etos* e da sua cultura, solidários com os seus sofrimentos e esperanças; políticos que antepõem o bem comum aos seus interesses privados, que não se deixem intimidar pelos grandes poderes financeiros e mediáticos, que sejam competentes e pacientes face a problemas complexos, que sejam abertos a ouvir e a aprender no diálogo democrático, que conjuguem a busca da justiça com a misericórdia e a re-



Mary Clanahan, «City life»

conciliação. Não nos contentemos com as limitações da política: precisamos de dirigentes políticos capazes de mobilizar vastos setores populares seguindo grandes objetivos nacionais e continentais. Conheço pessoalmente dirigentes políticos latino-americanos de diversas orientações políticas que se aproximam desta figura ideal.

Como precisamos hoje na América Latina de uma “boa e nobre política” e dos seus protagonistas! Não devemos porventura enfrentar problemas e desafios muito grandes? Em primeiro lugar a preservação do dom da vida em todas as suas fases e manifestações. A América Latina precisa também de um crescimento industrial, tecnológico, autossustentado e sustentável, ao lado de políticas que enfrentem o drama da pobreza e visem a equidade e a inclusão, porque não é verdadeiro desenvolvimento aquele que deixa multidões indefesas e continua a alimentar uma escandalosa desigualdade social. Não se pode descuidar uma educação integral, que começa na família e se desenvolve numa escolarização de qualidade para todos. É necessário reforçar o tecido familiar e social. Uma cultura do encontro – e não de antagonismos constantes – deve fortalecer os vínculos fundamentais de humanidade e sociabilidade e lançar fundamentos sólidos para uma amizade social que deixe para trás as garras do individualismo e da massificação, da polarização e da manipulação. Devemos encaminhar-nos rumo a democracias maduras, participativas, sem as chagas da corrupção nem das colonizações ideológicas, nem sequer das pretensões autocráticas ou demagógicas fáceis. Cuidemos da nossa casa comum e dos seus habitantes mais vulneráveis, evitando qualquer tipo de indiferença suicida e de exploração selvagem. Resgatemos concretamente a exigência de uma integração económica, social, cultural e política de povos irmãos para construir a pouco e pouco o nosso continente, que será ainda maior quando incluir “todas as identidades”, completando a sua mestiçagem, e será paradigma de respeito dos direitos humanos, paz e justiça. Não nos podemos re-

signar à situação deteriorada na qual hoje com frequência nos debatemos.

Gostaria de dar mais um passo nesta reflexão. O Papa Bento XVI, no seu discurso de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, indicou com preocupação: «A notável ausência, no âmbito político [...] de vozes e iniciativas de chefes católicos com uma forte personalidade e dedicação generosa, que sejam coerentes com as suas convicções éticas e religiosas». E os bispos de todo o continente decidiram inserir aquela observação nas conclusões de Aparecida, falando de «discípulos e missionários na vida pública» (n. 502). Na realidade, num continente com um grande número de batizados na Igreja católica, de substrato cultural católico, no qual a tradição católica ainda é muito viva nos povos e no qual abundam as grandes manifestações da piedade popular, como é possível que os católicos sejam bastante irrelevantes no cenário político, ou até equiparados com uma lógica mundana? Não há dúvida de que existem testemunhos de católicos exemplares no cenário político, mas nota-se a ausência de correntes fortes que abram caminho ao Evangelho na vida política das nações. E isto não significa fazer proselitismo através da política, nada tem a ver com isto. Há muitos que se professam católicos – e não devemos julgar as suas consciências, mas sim as suas ações – que com frequência demonstram uma escassa coerência com as convicções éticas e religiosas próprias do magistério católico. Não sabemos o que acontece na sua consciência, não a podemos julgar, mas vemos as suas ações. Outros estão de tal forma absorvidos pelos seus compromissos políticos que acabam por relegar a sua fé para segundo plano, empobrecendo-se, sem a capacidade de ser critério-guia e deixar a sua marca em todas as dimensões da vida da pessoa, também na sua prática política. E não faltam aqueles que não se sentem reconhecidos, encorajados, acompanhados e amparados na preservação e no crescimento da fé, pelos Pastores e pelas

Na festa da Virgem de Guadalupe o Pontífice convidou a defender a riqueza das diversidades culturais

O cântico dos povos latino-americanos

É necessário «defender os nossos povos contra uma colonização ideológica que anula o que existe de mais precioso neles, quer sejam indígenas, afro-americanos, mestiços, camponeses ou suburbanos», frisou o Papa Francisco ao celebrar na tarde de 12 de dezembro, no altar da Confissão da basílica de São Pedro, a missa para a festa da Virgem de Guadalupe.

O Evangelho que acaba de ser proclamado é o prefácio de dois grandes cânticos: o cântico de Maria, conhecido como o «Magnificat», e o cântico de Zacarias, o «Benedictus», e apraz-me chamar-lhe «o cântico de Isabel, ou da fecundidade». Milhares de cristãos do mundo inteiro começam o dia cantando: «Bendito seja o Senhor» e acabam a jornada «proclamando a sua grandeza, porque olhou com bondade para a humildade da sua serva». Desta forma, os crentes de diversos povos, no dia a dia, procuram fazer memória; recordar que de geração em geração a misericórdia de Deus se estende sobre todo o povo, como tinha prometido aos nossos pais. É neste contexto de memória grata que brota o cântico de Isabel em forma de pergunta: «Quem sou eu, para que a mãe do meu Senhor venha ter comigo?». Isabel, a mulher marcada pelo sinal da esterilidade, encontramos-a cantando sob o sinal da fecundidade e do deslumbre.

Gostaria de sublinhar estes dois aspetos. Isabel, a mulher sob o sinal da esterilidade e sob o sinal da fecundidade.

1. Isabel, mulher estéril, com tudo o que isto implicava para a mentalidade religiosa da sua época, que considerava a esterilidade como um casti-

go divino, fruto do próprio pecado ou do esposo. Um sinal de vergonha levado na própria carne, ou por se considerar culpado de um pecado que não cometeu, ou por se sentir pouco importante, por não estar à altura do que se esperava dela. Imaginemos, por um instante, os olhares dos seus familiares, dos seus vizinhos, de si mesma... esterilidade que entra nas profundezas e acaba por paralisar a vida inteira. Esterilidade que pode ter muitos nomes e formas, cada vez que uma pessoa sente na sua carne a vergonha por se ver estigmatizada ou se sentir insignificante.

Assim podemos ver isto no pequeno índio Juan Diego, quando diz a Maria: «Na verdade, de nada valho, sou mecapan, cacaxtle, cauda, asa, submetido a ombros e à dependên-

cia de outrem, este não é o meu paradeiro, e nem sequer vou para onde te dignas enviar-me» (*Nican Mohua*, n. 55). Assim também este sentimento pode existir – como justamente nos mostraram os bispos latino-americanos – nas nossas comunidades «indígenas e afro-americanas que, em várias ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; numerosas mulheres são excluídas, devido ao seu sexo, raça ou condição socioeconómica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na econo-

mia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual» (*Documento de Aparecida*, n. 65).

2. E juntamente com Isabel, a mulher estéril, contemplamos Isabel, a mulher fértil, a mulher fecunda-deslumbrada. Ela é a primeira que reconhece e abençoa Maria. Foi ela que, na velhice, experimentou na sua própria vida, na sua carne, o cumprimento da promessa feita por Deus. Ela, que não podia ter filhos, trouxe no seu ventre o precursor da salvação. Nela entendemos que o sonho de Deus não é nem será a esterilidade, nem estigmatizar ou encher os seus filhos de vergonha, mas fazer brotar neles e deles um cântico de bênção. Vemolo, de igual modo, em Juan Diego. Foi precisamente ele, e não outro, quem trouxe na sua tumba a imagem da Virgem: a Virgem de pele morena e rosto mestiço, sustentada por um anjo com asas de quetzal, pelicano e arara; a mãe capaz de assumir os traços dos seus filhos para os levar a sentir-se partícipes da sua bênção.

Parece que de vez em quando Deus insista em mostrar-nos que a pedra descartada pelos construtores se torna a pedra angular (cf. *Sl* 117, 22).

Queridos irmãos, no meio desta dialética de fecundidade-esterilidade olhemos para a riqueza e a diversidade cultural dos nossos povos da América Latina e do Caribe, ela é sinal da grande riqueza que estamos convidados não apenas a cultivar mas, especialmente no nosso tempo, a defender com coragem contra to-



CONTINUA NA PÁGINA 13

Aos leigos católicos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

comunidades cristãs. No final, a contribuição cristã para a ação política manifesta-se somente através das declarações dos Episcopados, sem que se sinta a missão peculiar dos leigos católicos de organizar, gerir e transformar a sociedade segundo os critérios evangélicos e o património da Doutrina Social da Igreja.

Por tudo isto, quis escolher como tema da precedente Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina o tema: «O compromisso indispensável dos leigos católicos na vida pública dos países latino-americanos» (1-4 de março de 2016). E a 19 de março enviei uma carta ao Presidente daquela Comissão, Cardeal Marc Ouellet, na qual admoestei mais uma vez contra o risco do clericalismo e apresentei a questão: «O que significa para nós pastores o facto de que os leigos estejam a trabalhar na vida pública?». «Significa procurar o modo para poder encorajar, acompanhar e estimular todas as tentativas e esforços que atualmente já se fazem para manter

vivas a esperança e a fé num mundo cheio de contradições, especialmente para os mais pobres, especialmente com os mais pobres. Significa, como pastores, comprometermo-nos no meio do nosso povo e, com o nosso povo, apoiar a fé e a sua esperança. Abrindo portas, trabalhando com ele, sonhando com ele, refletindo e, sobretudo, rezando com ele. «Precisamos de reconhecer a cidade» – e portanto todos os espaços onde se realiza a vida do nosso povo – «a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças».

E ao contrário «muitas vezes caímos na tentação de pensar que o leigo comprometido é aquele que trabalha nas obras da Igreja e/ou nas realidades da paróquia ou da diocese, e refletimos pouco sobre o modo como acompanhar um batizado na sua vida pública e quotidiana; sobre como, na sua atividade diária, com as responsabilidades que tem, se compromete como cristão na vida pública. Sem nos darmos conta disso, gerámos uma elite laical credi-

tando que só são leigos comprometidos os que trabalham nas «realidades dos sacerdotes», e esquecemos, descuidando-o, o crente que muitas vezes queima a sua esperança na luta quotidiana para viver a fé. São estas as situações que o clericalismo não pode ver, porque está mais preocupado em dominar espaços do que em gerar processos. Portanto, devemos reconhecer que o leigo pela sua realidade, a sua identidade, por estar imerso no coração da vida social, pública e política, por ser partícipe de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e de celebração da fé».

É necessário que os leigos católicos não permaneçam indiferentes à vida pública nem fechados nos seus templos, nem sequer que esperem as diretrizes e as recomendações eclesiais para lutar a favor da justiça, de formas de vida mais humanas para todos. «Não é o pastor que deve dizer ao leigo o que fazer e dizer, ele sabe tanto e melhor que nós. Não é o pastor que deve estabelecer o que os fiéis devem dizer nos diversos

âmbitos. Como pastores, unidos ao nosso povo, faz-nos bem perguntar-nos como estamos a estimular e a promover a caridade e a fraternidade, o desejo do bem, da verdade e da justiça. Como podemos fazer para que a corrupção não se aninhe nos nossos corações». Até nos nossos corações de Pastores. E, ao mesmo tempo, faz-nos bem ouvir com muita atenção a experiência, as reflexões e as preocupações que podem partilhar conosco os leigos que vivem a sua fé nos diversos âmbitos da vida social e política.

O vosso diálogo sincero neste Encontro é muito importante. Falai com liberdade. Um diálogo que seja entre católicos, prelados e políticos, no qual a comunhão entre pessoas da mesma crença resulte mais determinante que as legítimas oposições de opções políticas. Por tudo isto participamos na Eucaristia, fonte e ápice de qualquer comunhão. Do vosso diálogo poder-se-ão obter elementos iluminados, elementos orientadores para a missão da Igreja na atualidade. Obrigado de novo e bom trabalho!

Entre simplicidade e complexidade

GUZMÁN CARRIQUIRY

Neste livro, intitulado *Jorge Mario Bergoglio. Una biografía intelectual. Dialéctica e mística*, o autor faz uma abordagem original em relação a toda a literatura sobre Francisco. Através de uma

Uma biografia intelectual

Saiu no mês passado nas livrarias italianas o estudo de Massimo Borghesi *Jorge Mario Bergoglio. Una biografía intelectual. Dialéctica e mística* [Jorge Mario Bergoglio. Una biografía intelectual. Dialéctica e mística] (Milano, Jaca Book, 2017, 303 páginas, 20 euros. Do livro, dedicado à memória do pensador uruguaio Alberto Methol Ferré (1929-2009), publicamos uma apresentação do autor e amplos excertos do prefácio de Guzmán Carriquiry, secretário encarregado da vice-presidência da Pontifícia comissão para a América Latina.

capacidade extraordinária de recolha de fontes e de pesquisa, o texto oferece um aprofundamento sistemático do património cultural e das influências intelectuais que contribuíram para formar a personalidade e o "pensamento" de Jorge Mario Bergoglio. Trata-se de um contributo indispensável a fim de conhecer melhor a personalidade complexa do Papa Francisco, na qual se conjugam a sua experiência pastoral, mística e a intelectual.

A escassez de referências, relativas à sua biografia intelectual, deve-se, em primeiro lugar, ao próprio Papa Francisco, que não lhe apraz ostentar as suas capacidades e qualidades a este respeito e, certamente, não gostaria da qualificação de "intelectual". Bergoglio, como se sabe, detesta os intelectualismos abstratos, sempre tentados por uma deriva ideológica, muros que fecham e distraem da relação com Deus e com o seu povo. Ainda por cima, em cada homília, catequese ou mensagem, não costuma incluir desenvolvimentos teológicos que não sejam breves, adequados e comunicados de maneira simples. Deseja privilegiar sempre aquela "gramática da simplicidade" – que nunca é simplismo – no seu modo direto e autêntico de se exprimir, de comunicar, de se dirigir a todos e a cada um, e alcançar o coração de quantos à escuta, onde quer que se encontrem e seja qual for o seu nível de instrução e de formação cristã.

A *simplicitas* representa no Papa Bergoglio, como afirma Massimo Borghesi, um «ponto de chegada que pressupõe a complexidade de um pensamento profundo e original». As perplexidades de alguns, que não se identificam com o estilo de comunicação do novo Papa, acrescenta-se a desconfiança de alguns ambientes eclesiais e intelectuais em relação a um Papa "latino-americano", "argentino", "populista", considerado não à altura dos parâmetros culturais europeus. Estes críticos mostram-se insensíveis ao abraço universal e às chamadas cla-

ramente evangélicas do Papa. Permanecem fechados numa velha Europa, onde ainda ardem as brasas do grande fogo da sua melhor tradição, mas que todavia hoje nada gera: nem filhos – estamos no pleno inverno demográfico – nem novas correntes intelectuais, movimentos, horizontes políticos que abram o caminho a um destino de esperança. São como aqueles "doutores da Lei" que se questionavam se algo bom jamais poderia vir de Nazaré, de um "filho de carpinteiro". Neste caso Nazaré indica o Cone Sul do mundo.

Em relação a esta panorâmica, o valor do volume consiste em colocar Bergoglio no âmbito de uma rica tradição intelectual que encontra as suas raízes na Argentina e a sua fecundidade no diálogo estreito, que sabe estabelecer com as correntes mais fecundas do catolicismo europeu. O estereótipo do Papa "argentino" tem certamente uma sua verdade. Contudo, não deve ser, como documenta o texto que apresentamos, absolutizado. Bergoglio é argentino e, ao mesmo tempo, devido aos autores da sua formação

e às suas leituras de referência, profundamente europeu.

Como indica a sua dialética popular, especificada no encontro ideal com Romano Guardini, ele mesmo é "ponte" entre dois continentes. Eis a utilidade do livro de Massimo Borghesi, o qual oferece um quadro de riqueza extraordinária, mostrando as diversas correntes culturais e intelectuais que se entrelaçam na personalidade do futuro Papa e que constituem o substrato iluminador do seu magistério e da sua ação pastoral. O leitor terá deste modo a oportu-

nidade de compreender a verdadeira gênese do pensamento de Jorge Mario Bergoglio, que até agora ficou velada aos vários interpretes. Esta deve-se a uma concepção dialéctica, "polar", da realidade que o jovem estudante de filosofia e teologia do Colégio San Miguel amadurece graças à renovação da concepção inciana levada em frente pelo seu professor Miguel Ángel Fiorito e pela leitura que os intelectuais jesuítas, como Gaston Fessard e Karl Heinz Crumbach, faziam dos Exercícios espirituais. Começa aqui a redescoberta da mística jesuítica e a apreciação da figura de Pierre Favre lida através de Michel de Certeau.

A visão dialéctica revelar-se-á preciosa quando Bergoglio, ainda jovem Provincial dos jesuítas argentinos, nos atribulados anos setenta, se comprometerá numa visão sintética da Companhia de Jesus, da Igreja, da sociedade, de maneira a subtrair-se à contradição, dilacerante, entre os adeptos da ditadura militar e os revolucionários pró-marxismo. É a mesma visão dialéctica que o leva a encontrar-se com Amelia Podetti, a "filósofa" argentina mais perspicaz dos anos setenta, e com Alberto Methol Ferré, o mais importante intelectual católico latino-americano da segunda metade do século XX. A reflexão de Bergoglio, como demonstra bem Borghesi, deve muito a uma tradição específica do pensamento jesuíta. Borghesi delinca, deste modo, um fio condutor do pensamento de Bergoglio cuja presença não fora sentida pelos estudiosos. O que explica, em grande medida, também as acusações daqueles que, hostis à linha do Pontificado, não hesitaram em acusar Francisco de escassa preparação no âmbito teológico-filosófico.

Mérito do volume de Borghesi consiste em inserir a visão ideal de Bergoglio no seio do cenário histórico, eclesial e político da Argentina dos anos setenta e oitenta. Podemos compreender assim a sua opinião peculiar sobre o "peronismo", a sua crítica à teologia política a partir de um horizonte eminentemente agostiniano. É igualmente iluminada a sua adesão à «Teologia do povo», a corrente da Teologia da libertação elaborada pela escola do Río de la Plata segundo a qual a opção preferencial pelos pobres, afirmada no documento de Puebla (1979) da Igreja latino-americana, unia-se a uma firme oposição em relação ao marxismo.

Esta escola, cujos protagonistas foram Lucio Jera, Rafael Tello, Justin Farrell, Juan Carlos Scannone, Carlos Galli, deixará o seu sinal nos documentos de Puebla e de Aparecida (2007). É graças a ela que foi descoberta a religiosidade popular, tema muito querido a Bergoglio, o qual nem por isso é menos atento à dimensão própria do "encontro" que caracteriza o testemunho cristão no horizonte secularizado específico das grandes metrópoles. Daqui o desenvolvimento que tem, na reflexão dos últimos anos, a categoria da "beleza" na sua unidade com o bem e com o verdadeiro. Uma reflexão que deve muito à leitura do grande teólogo Hans Urs von Balthasar.



Vinte e cinco anos da fundação Populorum progressio

Ao serviço da América Latina

«Vinte e cinco anos de serviço para o desenvolvimento humano integral olhando para o futuro»: foi o tema da conferência promovida a 12 de dezembro em Roma pela fundação Populorum progressio para a América Latina no vigésimo quinto aniversário da sua instituição. Confiada ao Pontifício conselho Cor Unum por João Paulo II desde o seu nascimento, a 13 de fevereiro de 1992, agora a fundação está inserida na missão pastoral do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral.

Na sessão inaugural, após a saudação do cardeal Turkson, prefeito do Dicastério e presidente da fundação, o cardeal Baldisseri, secretário-geral do Sínodo dos bispos, introduziu alguns elementos do sínodo dedicado à Amazônia e aos povos indígenas, programado para 2019. Seguiram-se reflexões por parte dos bispos da América Latina que estavam presentes. Guzmán Carriquiry apresentou lineamentos da realidade latino-americana de hoje.

No dia seguinte teve lugar a reunião anual do conselho de administração, durante a qual foi deliberado o financiamento de projetos a favor dos as comunidades indígenas, mestiças, afro-americanas e camponesas da América Latina e do Caribe para 2018. A reunião representou também uma ocasião para refletir sobre as melhores modalidades para cumprir o mandato da fundação. Atualmente fazem parte do conselho: D. Edmundo Luis Flavio Abastoflor Montero, arcebispo de La Paz (Bolívia), presidente; D. Antonio Arregui Yarza, arcebispo emérito de Guayaquil (Equador), vice-presidente; cardeal Nicolás de Jesús López Rodríguez, arcebispo emérito de Santo Domingo; D. Óscar Urbina Ortega, arcebispo de Villavicencio (Colômbia); D. Murilo Sebastião Ramos Krieger, arcebispo de São Salvador da Bahia (Brasil); D. Javier Augusto Del Río Alba, arcebispo de Arequipa (Peru); D. José Luis Azuaje, bispo de Barinas (Venezuela); e mons. Segundo Tejado Muñoz, subsecretário do Dicastério. Nestes anos foram realizados mais de 4.300 projetos para um total de 41 milhões de dólares. Esses projetos abrangem as comunidades locais e são destinados a vários setores, como a agricultura e a criação de gado, o artesanato e as microempresas, as infraestruturas para a água potável, a formação, as estruturas escolares, a saúde e a construção. Entre os maiores benfeitores da fundação, além de participações individuais, destaca-se em particular a Conferência episcopal italiana.

Sobre a formação de Jorge Mario Bergoglio

MASSIMO BORGHESI

A ideia de escrever um livro sobre a formação intelectual de Jorge Mario Bergoglio surgiu de dois motivos. O primeiro foi ditado pelo espetáculo dos críticos de profissão, os teólogos da última hora, segundo os quais o Papa sul-americano não teria a preparação teológico-filosófica para exercer o ministério de sucessor de Pedro. Nestes casos, o esnobismo mistura-se com notáveis doses de arrogância e de ignorância. O segundo motivo, foi a descoberta de um forte núcleo conceitual, presente no pensamento do futuro Pontífice: o de uma concepção da vida fundada sobre uma tensão entre opostos, sobre a dialética antinômica dos contrários, que a mim, estudioso de Romano Guardini, recordava de perto a guardiniana.

Lendo a *Evangelii gaudium*, com o seu modelo social centrado nos três binômios polares (plenuidade-limite, ideia-realidade, globalização-localização), assim como nas lições ministradas na segunda metade dos anos setenta pelo jovem provincial dos jesuítas argentinos, era evidente que Bergoglio aplicava ao complexo contexto do seu país, dividido entre ditadura militar e guerrilha revolucionária, o modelo de uma polaridade que neste caso se tornou patológica, incapaz de solução. Uma contradição que interpelava a Igreja e a Companhia de Jesus, também elas divididas no seu interior.

De onde lhe derivava este modelo dialético? Não de Guardini, cuja doutrina filosófica só se tornará importante para ele em 1986, no momento de desenvolver a sua tese de doutoramento em Frankfurt, nunca concluída. De que autor Bergoglio teria a sua ideia fundamental das oposições autênticas, não disjuntivas, que regulam a vida pessoal, social e eclesial? A leitura dos seus textos e das biografias não permitia resolver a questão.

Só me restava perguntar a ele, ao Papa. Graças a Guzmán Carriquiry pude enviar ao Pontífice uma série de perguntas sobre o seu pensamento, os seus mestres, a sua formação. As interrogações anexe o meu livro *Romano Guardini. Dialética e antropologia*, porque imaginava que lhe pudesse interessar. Não esperava que Francisco respondesse. Não apenas pelo tempo e pelos compromissos, mas também pela sua desconfiança em relação àquela parte do mundo intelectual que gosta de se mover no abstrato, no limbo das ideias desligadas da realidade e da história.

Mas ele respondeu. Em quatro documentos em áudio, de janeiro a março, com uma cortesia, o Papa ofereceu esclarecimentos fundamentais sobre o seu pensamento e sobre a sua formação intelectual. A primeira e fundamental é a confissão da importância da leitura dos anos sessenta, repetida várias vezes, do livro *La dialectique des "Exercices spirituels" de saint Ignace de Loyola*, de Gaston Fessard.

O nome de Fessard, um dos maiores intelectuais jesuítas da segunda metade do século XX, amigo de Henri de Lubac e, juntamente com ele, protagonista da *Ecole de Lyon*, abriu-me a perspectiva sobre toda a reflexão de Bergoglio. Era como encontrar o fio condutor, a unidade de um pensamento poliédrico.

Inspirado por Maurice Blondel, Fessard oferece uma leitura dialética e antinômica da espiritualidade inaciana, em tensão entre graça e liberdade, entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. Perfila a ideia do catolicismo como *coincidentia oppositorum*, síntese vital das polaridades opostas. É a mesma ideia do grande eclesiólogo de Tübingen, Adam Möhler, retomada pelos jesuítas Erich Przywara e de Lubac. Trata-se da ideia da vida como tensão polar que voltamos a encontrar em Romano Guardini, e isto explica o tema escolhido por Bergoglio para a sua tese de doutoramento. Guardini não consta no início da reflexão de Bergoglio; no entanto, representa uma sua importante confirmação e uma ampliação de horizontes. Por conseguinte, a reflexão do futuro Papa insere-se no contexto de um filão específico do pensamento católico entre os séculos XIX-XX: o derivante de Möhler, Guardini, Przywara, de Lubac e Fessard.

Um filão que entende a Igreja como o instrumento através do qual o mistério de Deus une aquilo que, no plano da natureza, não parece componível. Uma unidade que mantém as diferenças, sem a pretensão de as anular. Na Argentina dos anos setenta, ele não era o único que professava esta visão. Compartilhava-a com o genial intelectual uruguaio Alberto Methol Ferré, o pensador católico latino-americano mais relevante da segunda metade do século XX. Methol expressava um tomismo dialético que, também no seu caso, dependia de Gaston Fessard.

Methol Ferré e Bergoglio, cujos destinos se cruzam em 1979, a partir da conferência de Puebla, compartilham perspectivas ideais e esperanças sobre a renovação eclesial latino-americana. Ambos são promotores da *teologia del pueblo*, versão argentina da teologia da libertação, que unia a opção preferencial pelos pobres e a redescoberta da fé popular à rejeição clara da ideologia marxista. Ambos desejam a *pátria grande* da América Latina, numa tensão construtiva com os Estados nacionais.

Bergoglio estimava muito a geopolítica eclesial e do seu amigo, o fulcro do pensamento, tão semelhante ao dele. Depois de Fessard, Methol Ferré tornou-se o seu filósofo. Partilha com ele não apenas o modelo dialético, mas também a opção pela estética teológica de Hans Urs von Balthasar, pela unidade dos transcendentais (belo-bom-verdadeiro) na afirmação do ser e pela primazia concedida ao belo, ao testemunho, na comunicação da verdade.



Daqui deriva a união polar de misericórdia e verdade, a sua tensão unitiva, insuprimível e incompreendida tanto pelos tradicionalistas como pelos modernistas. Deste modo, a "biografia intelectual" de Jorge Mario Bergoglio permite entrar no laboratório ideal de Francisco, esclarecendo indiretamente a lógica eclesial que preside ao seu pontificado.

Uma lógica da totalidade que não deve ser entendida analisando apenas os seus aspectos particulares, como costumam fazer os críticos, mas na perspectiva do conjunto. Ela esclarece que o Papa é, por exemplo, profundamente sensível a um testemunho social diante dos problemas da pobreza, da guerra e do clima. E como, ao mesmo tempo, o Pontífice é também, seguindo Santo Inácio, um místico, um cristão consciente do *primerear* da graça sobre todas as ações do homem, do "Deus sempre maior". No seguimento de Pierre Favre, amigo e discípulo de Inácio, querido a Bergoglio, o cristão é o contemplativo na ação, é a unidade viva dos opostos. A vida cristã move-se entre o céu e a terra, uma tensão que não encontra solução num sistema, mas unicamente no Mistério que orienta a história.

Ano do laicato no Brasil

Uma oportunidade para valorizar ulteriormente a presença e a missão dos cristãos leigos na Igreja e na sociedade: eis o objetivo do ano nacional do laicato lançado nos últimos dias pela Conferência episcopal brasileira. Concluir-se-á no dia 25 de novembro de 2018 e tem como tema «Cristãos leigos e leigas, sujeitos na "Igreja em saída", a serviço do Reino», com o lema «Sal da terra e luz do mundo», de *Mateus*, 5, 13-14.

«Temos a alegria de começar o ano do laicato», disse o arcebispo de Brasília, cardeal Sérgio da Rocha, presidente do episcopado, segundo o qual — lê-se numa nota — cada Igreja no Brasil está convidada a viver intensamente este acontecimento através de orações, celebrações e reflexões, mas sobretudo encorajando e apoiando uma participação cada vez maior dos cristãos leigos na vida da comunidade eclesial e da sociedade «a fim de que sejam deusas sal da terra e luz do mundo numa Igreja em saída. Possa Deus — disse o purpurado — abençoar todos aqueles que já estão engajados na realização deste ano do laicato. Possa trazer muitos frutos com a participação de muita gente e, sobretudo, pela graça de Deus».

O cântico dos povos latino-americanos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

das as tentativas niveladoras, que acabam por impor — com slogans atraentes — uma única maneira de pensar, de ser, de sentir e de viver, que acabam por tornar inválido ou estéril tudo o que herdamos dos nossos pais; que levam a sentir-se pouco importantes especialmente os nossos jovens por pertencerem a uma determinada cultura. Em definitiva, a nossa fecundidade exige que defendamos os nossos povos de uma colonização ideológica que cancela o que eles possuem de mais precioso, quer

sejam indígenas, afro-americanos, mestiços, camponeses ou suburbanos.

A Mãe de Deus é figura da Igreja (cf. *Lumen gentium*, 63) e dela queremos aprender a ser Igreja com rosto mestiço, com rosto indígena, afro-americano, com rosto camponês, com rosto cola, ala, cacaxtle. Semblante pobre, de desempregado, de menino e menina, idoso e jovem, para que ninguém se sinta estéril nem infecundo, a fim de que ninguém se sinta envergonhado ou de pouca monta. Mas, ao contrário, para que cada um, como Isabel e Juan Die-

go, possa sentir-se portador de uma promessa, de uma esperança, e dizer do íntimo do seu ser: «Aba, ou seja, Pai!» (*Gl* 4, 6), a partir do mistério desta filiação que, sem cancelar os traços de cada um, nos universaliza constituindo-nos povo.

Irmãos, neste clima de memória grata por sermos latino-americanos, entoemos no nosso coração o cântico de Isabel, o cântico da fecundidade, e digamos juntos aos nossos povos que não se cansem de o repetir: Bendita sois Vós entre todas as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Missa matutina em Santa Marta

Terça-feira
5 de dezembro

A verdadeira humildade

No início do caminho de Advento, o Papa Francisco indicou dois aspetos fundamentais para cada cristão: a tarefa a perseguir e o estilo a manter, centrando a sua reflexão no trecho do profeta Isaías (11, 1-10) proposto pela liturgia do dia.

Trata-se de um excerto, disse, que «fala sobre a vinda do Senhor, a libertação que Deus trará ao seu povo, o cumprimento da promessa». É o trecho em que o profeta anuncia que «brotará uma vara do tronco de Jessé». E sobre esta primeira expressão o Pontífice evidenciou que se fala de um «rebento» que é «pequeno como broto», sobre o qual contudo «pousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, de conhecimento e de temor do Senhor», isto é, «os dons do Espírito Santo». Eis então o primeiro aspeto fundamental: «da pequenez do rebento à plenitude do Espírito. Esta é a promessa, este é o reino de Deus». Que, acrescentou Francisco, «começa na pequenez, vem de uma raiz, brota um rebento; cresce, vai em frente – porque o Espírito está ali – e chega à plenitude».

Uma dinâmica, observou o Papa, que se encontra também no próprio Jesus, o qual «ao seu povo na sinagoga de Nazaré» se apresenta do mesmo modo. Não diz: «Sou o rebento»; mas propõe-se com humildade e afirma: «O Espírito está sobre mim», ciente de ter sido enviado «para anunciar a boa nova, isto é, para os pobres».

A mesma dinâmica, disse o Pontífice, aplica-se à «vida do cristão». De facto, é preciso estar ciente de que «cada um de nós é um rebento daquela raiz que deve crescer com a força do Espírito Santo, até à plenitude do Espírito Santo em nós». E perguntou: «Qual seria a tarefa do cristão?». A resposta é simples: «Preservar o rebento que cresce em nós, cuidar do crescimento, conservar o Espírito. “Não entristeçais o Espírito”, diz Paulo».

Portanto, viver como cristão «é conservar o rebento, o crescimento e o Espírito e não esquecer a raiz». O Papa esclareceu: «Não esqueças a raiz, da qual vens. Recordate de onde vens, esta é a sabedoria cristã».

Se esta é a tarefa, «qual é o estilo?». Francisco explicou: «Vê-se claramente: um estilo como o de Jesus, de humildade». Com efeito, «são necessárias fé e humildade para crer que este rebento, este dom tão pequeno alcançará a plenitude dos dons do Espírito Santo. É preciso ter humildade para acreditar que o Pai, Senhor do céu e da terra, como diz o Evangelho de hoje, escondeu estas coisas aos sábios, aos doutores e revelou-as aos pequeninos». Na vida diária, humildade significa «ser pequeno, como o rebento, pequeno que cresce todos os dias, pequeno que precisa do Espírito Santo para poder continuar rumo à plenitude da própria vida».

De resto, explicou o Pontífice, «Jesus era humilde, Deus era humil-



Will Felix, «Humildade»

de. Deus é humilde porque teve e mantém muita paciência connosco. E a humildade de Deus manifesta-se na humildade de Jesus». Mas, acrescentou, é preciso esclarecer as ideias sobre o significado da palavra humildade: «Alguns acreditam que ser humilde é ser educado, cortês, fechar os olhos na oração...», ter uma espécie de «cara de santinho». Mas «não, ser humilde não é isto».

O próprio Francisco forneceu a chave interpretativa: «Há uma marca, um sinal, o único: aceitar as hu-

milhações. Humildade sem humilhações não é humildade. Humilde é o homem, a mulher, que é capaz de suportar as humilhações como as suportou Jesus, o humilhado, o grande humilhado».

Eis o que põe à prova o cristão: «Muitas vezes, quando somos humilhados, quando nos sentimos humilhados por alguém, imediatamente temos a vontade de responder, de nos defendermos». Ao contrário, é preciso olhar para Jesus: «Ele permaneceu quieto no momento da

maior humilhação». E de facto, disse o Papa «não há humildade sem a aceitação das humilhações». Portanto, «humildade não é só estar quieto, tranqüilo. Não. Humildade é aceitar as humilhações quando chegam, como fez Jesus».

O cristão é chamado a aceitar «a humilhação da cruz», como Jesus que «foi capaz de conservar o rebento, o crescimento e o Espírito».

Não é simples nem imediato. O Pontífice recordou, a propósito, que certa vez ouviu uma pessoa brincar: «Sim, humilde sim, mas nunca humilhado!». Uma brincadeira, comentou o Papa, mas que «tocava um ponto verdadeiro». De facto, muitos dizem: «Sim, sou capaz de aceitar a humildade, ser humilde, mas sem humilhações, sem cruz».

Terminando a meditação, Francisco resumiu assim o seu pensamento do dia: «Preservar o rebento em cada um de nós. Cuidar do crescimento, conservar o Espírito, que nos levará à plenitude». Sem «esquecer a raiz. E o estilo? Humildade». Depois, acrescentou: «De que modo sei se sou humilde? Se sou capaz, com a graça do Senhor, de aceitar as humilhações». E exortou a recordar o exemplo de «tantos santos que não só aceitaram as humilhações mas pediram-nas: “Senhor, manda-me humilhações para que me assemelhe a ti, para ser mais parecido contigo”».

«Que o Senhor – concluiu – nos conceda a graça de conservar o pequeno rebento rumo à plenitude do Espírito, de não nos esquecermos da raiz, de aceitarmos as humilhações».

Apresentadas as credenciais do novo embaixador da Nigéria

Sua Excelência o Senhor Godwin George Umo, novo embaixador da Nigéria junto da Santa Sé, nasceu a 15 de agosto de 1956; é casado e tem filhos. Frequentou a escola militar nigeriana em Zaria (1970-1974). Iniciou a sua formação de cadete oficial na academia de defesa nigeriana (Nda) em Kaduna, concluindo-a em 1977. Jovem oficial, formou-se em engenharia eletrónica e de telecomunicações na Obafemi Awolowo university em Ile-Ife (1978-1981). Desempenhou os seguintes cargos: major da 5ª divisão em Kaduna (1990-1991); substituto de comandante de campo (1992-1993); instrutor no staff do colégio do comando das Forças armadas em Jaji (1993-1995); comandante de regimento em Jos (1995-1996); comandante do departamento de comunicações do Ecomog na Libéria (1996-1998); instrutor-chefe na escola de sinalização do exército nigeriano em Lagos (1999-2001); primeiro-oficial do staff de coordenação da academia nigeriana da defesa em Kaduna (2002-2003); diretor da formação, com grau de brigadeiro-geral, do exército nigeriano em Abuja (2006-2007); diretor dos standards de habilitação ao combate na sede de Abuja (2007-2008); diretor das relações civis-militares junto do comando da defesa, Abuja (2008); comandante do centro de formação do exército nigeriano, Kontagor (2008-2009); chefe do comité para um sistema integrado de segurança das comunicações (2009); diretor das comunicações, corpo de comunicação do exército nigeriano, Apapa, em Lagos (2009-2010); diretor do centro de simulação das Forças armadas, em Jaji (2010-2011); transferido para cursos de governo e management no instituto de sistemas de management em Londres (2011-2014); transferido à espera da convocação para um programa de estratégias na universidade de Ibadan (2015-2016). Atualmente é hoteleiro e preside à Igreja pentecostal unida da Nigéria.



Na manhã de sábado, 9 de dezembro o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Godwin George Umo novo embaixador da Nigéria por ocasião da apresentação das Cartas mediante as quais o ilustre diplomata é acreditado junto da Santa Sé

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 7 de dezembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Denis Zvizdić, Presidente do Conselho de Ministros da Bósnia e Herzegovina, com o Séquito.

A 9 de dezembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Godwin George Umo, Embaixador da Nigéria, para a apresentação das Credenciais.

D. Edgar Peña Parra, Núncio Apostólico em Moçambique; D. Lionel Gendron, Bispo de Saint-Jean – Longueuil (Canadá), Presidente da Conferência dos Bispos Católicos do Canadá; com D. Richard Joseph Gagnon, Arcebispo de Winnipeg, Vice-Presidente, e Mons. Frank Leo, Secretário-Geral.

A 13 de dezembro

D. Claudio Maria Celli, Presidente Emérito do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 7 de dezembro

Do Cardeal Norberto Rivera Carreira, ao governo pastoral da Arquidiocese de México (México).

Do Cardeal André Vingt-Trois, ao governo pastoral da Arquidiocese de Paris (França).

No dia 8 de dezembro

De D. Henryk Hoser, S.A.C., ao governo pastoral da Diocese de Varsóvia-Praga (Polónia).

De D. Yvon Joseph Moreau, O.C.S.O., ao governo pastoral da Diocese de Sainte-Anne-de-la-Pocatière (Canadá).

No dia 9 de dezembro

De D. Berard Toshio Oshikawa, O.E.M. Conv., ao governo pastoral da Diocese de Naha (Japão).

No dia 11 de dezembro

De D. John Baptist Tseng Chien-Tsi, ao cargo de Auxiliar da Diocese de Hualien (Taiwan).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 7 de dezembro

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de México, o Senhor Cardeal Carlos Aguiar Retes, até esta data Arcebispo de Tlalnepantla.

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Paris (França), D. Michel Aupetit, até hoje Bispo de Nanterre.

Bispo da Diocese de San Miguel (El Salvador), D. Fabio Reynaldo Colindres Abarca, até agora Ordinário Militar de El Salvador.

Coadjutor da Diocese de Alleppey (Índia), o Rev.^{mo} Mons. James Raphael Anaparambil, do clero de Alleppey.

D. James Raphael Anaparambil nasceu a 7 de março de 1962, em Kandakadavu (Índia). Foi ordenado Sacerdote em 17 de dezembro de 1986.

A 8 de dezembro

Bispo da Diocese de Varsóvia-Praga (Polónia), D. Romuald Kamiński, até agora Coadjutor da mesma Sede.

Bispo de Sainte-Anne-de-la-Pocatière (Canadá), o Rev.^{do} Pe. Pierre Goudreault, do clero de Rouyn-Noranda, até esta data Moderador da Unidade Pastoral Sainte-Trinité.

D. Pierre Goudreault nasceu no dia 27 de maio de 1963, em Rouyn-Noranda (Canadá). Foi ordenado Sacerdote a 18 de maio de 1991.

Bispo de Islamabad-Rawalpindi (Paquistão), D. Joseph Arshad, até agora Bispo da Diocese de Faisalabad, simultaneamente promovido a Arcebispo *ad personam*.

Prefeito Apostólico do Azerbaijão, o Rev.^{do} Pe. Vladimir Fekete, S.D.B., simultaneamente eleito Bispo Titular de Municipa.

D. Vladimir Fekete, S.D.B., nasceu em Bratisláva (Eslováquia), em 11 de agosto de 1955. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 30 de janeiro de 1983.

A 9 de dezembro

Bispo de Naha (Japão), o Rev.^{do} Pe. Wayne Berndt, O.E.M. Cap., até hoje Pároco de Yonabaru.

D. Wayne Berndt, O.E.M. Cap., nasceu em Fitchburg (EUA), no dia 15 de maio de 1954. Foi ordenado Sacerdote a 21 de maio de 1983.

A 11 de dezembro

Bispo de Galway e Kilmacduagh (Irlanda), D. Brendan Kelly, até agora Bispo de Achonry.

A 13 de dezembro

Bispo da Diocese de São José dos Pinhais (Brasil), D. Celso Antônio Marchiori, até esta data Bispo de Apucarana.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 28 de novembro

D. Rafael Llano Cifuentes, do clero da prelatura pessoal do Opus Dei, Bispo Emérito de Nova Friburgo (Brasil).

O saudoso Prelado nasceu a 18 de fevereiro de 1933 na Cidade do México. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 1959. Foi ordenado Bispo no dia 29 de junho de 1990. Renunciou ao governo pastoral da Diocese em 20 de janeiro de 2004.

No dia 6 de dezembro

D. Dominic Mai Luong, ex-Auxiliar de Orange (EUA).

O ilustre Prelado nasceu a 20 de dezembro de 1940, em Minh Cuong (Vietname). Foi ordenado Sacerdote no dia 21 de maio de 1966. Recebeu a Ordenação episcopal em 11 de junho de 2003.

No dia 8 de dezembro

D. Carlos María Franzini, Arcebispo de Mendoza (Argentina).

O saudoso Prelado nasceu em Buenos Aires (Argentina), a 6 de setembro de 1951. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 13 de agosto de 1977. Foi ordenado Bispo em 19 de junho de 2000.

No dia 10 de dezembro

D. Antonio Riboldi, Bispo Emérito de Acerra (Itália).

O venerando Prelado nasceu em Triuggio (Itália), no dia 16 de janeiro de 1923. Foi ordenado Sacerdote a 29 de junho de 1951. Recebeu a Ordenação episcopal em 11 de março de 1978.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. Andrés Carrascosa Coso, Arcebispo Titular de Elo, no Equador (27 de setembro).

Intenções de oração Sem cuidados aos idosos não há futuro

«Um povo que não cuida dos avós e não os trata bem é um povo que não tem futuro», afirmou Francisco na mensagem vídeo que indica a intenção para o mês de dezembro (www.thepopevideo.org), no âmbito da iniciativa proposta pela Rede mundial de oração do Papa.

«Os idosos – friso – possuem a sabedoria. Foi-lhes confiada a transmissão da experiência da vida, da história de uma família, de uma comunidade, de um povo». Eis o apelo: «Não nos esqueçamos dos nossos idosos para que, apoiados pelas famílias e instituições, colaborem com a sabedoria e a experiência para a educação das novas gerações».

Para acompanhar as palavras de Francisco, no vídeo passam as imagens de alguns idosos que se reúnem para tocar música. Depois, à banda une-se um jovem que com o saxofone executa uma canção com eles, entrando em perfeita sintonia com o espírito do grupo, representando simbolicamente as novas gerações chamadas a recolher o melhor da experiência dos avós e a pô-la em prática numa relação de partilha e de solidariedade fraterna.

Como os anteriores, o vídeo – com legendas em nove línguas – foi preparado pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com o Centro televisivo do Vaticano que o gravou.

Marcada a data do próximo sínodo dos bispos

Encontro com os jovens

A próxima assembleia sinodal dedicada aos jovens terá lugar de 3 a 28 de outubro de 2018. O anúncio oficial foi dado no final da terceira reunião do XIV conselho ordinário da Secretaria geral do Sínodo dos bispos, presidida pelo Papa Francisco nos dias 16 e 17 de novembro. Contextualmente, o próprio Pontífice comunicou a nomeação do relator-geral, que será o cardeal brasileiro Sérgio da Rocha, e a dos secretários especiais: o jesuíta Giacomo Costa e o salesiano Rossano Sala.

Os trabalhos da reunião tiveram início com o pronunciamento do secretário-geral, cardeal Lorenzo Baldisseri, que agradeceu ao Papa a presença e também a convocação da assembleia especial para a região pan-amazônica, que será realizada em outubro de 2019. Depois, o purpurado deu as boas-vindas a todos os participantes e traçou o caminho percorrido desde a convocação da XV assembleia geral ordinária até agora, falando sobre o documento preparatório e o questionário enviado aos organismos participantes, sobre a abertura de um portal online com um questionário “ad hoc” para os jovens, sobre a ativação de canais apropriados nos social networks e também acerca do seminário internacional realizado em setembro passado, dedicado à condição juvenil.

Depois do seu pronunciamento, debateu-se acerca dos critérios de elaboração do *Instrumentum laboris*, com a finalidade de fazer confluir nele todas as diversas abordagens da fase de consultas ainda em ato.

Em seguida apresentaram-se algumas comunicações sobre os trabalhos do recente seminário internacional. Além disso, os participantes foram informados sobre as respostas ao questionário do documento preparatório que chegaram até agora, assim como dos primeiros dados estatísticos relativos ao questionário online que decidiram deixar na rede até 31 de dezembro próximo.

Entre as atividades programadas, uma atenção especial foi prestada à reunião pré-sinodal de jovens, convocada pelo Papa em Roma de 19 a 24 de março de 2018. Em relação a ela foi aprovada a proposta de ampliar a participação dos jovens – além dos que serão convidados para o encontro – também através dos social networks.

Por fim, os membros do conselho ordinário trataram o tema da revisão normativa do Sínodo dos bispos. O subsecretário D. Fabio Fabene leu um relatório que ilustrou o trabalho realizado pela Secretaria geral, ao qual se seguiu uma profícua troca de opiniões.

Na conclusão o Pontífice agradeceu aos membros do conselho e aos demais participantes a contribuição e o espírito de comunhão fraterna vividos durante a reunião.

Na audiência geral o Pontífice explicou por que devemos ir à missa no dia do Senhor

Domingo cristão

E exortou as Ongs de inspiração católica a lutar por um mundo mais justo

«Existem comunidades cristãs que, infelizmente, não podem beneficiar da Missa todos os domingos»; e existem «sociedades secularizadas que perderam o sentido cristão do domingo iluminado pela Eucaristia». frisou o Papa na audiência geral de quarta-feira, 13 de dezembro, na sala Paulo VI, explicando por que motivo os cristãos têm necessidade de participar na celebração eucarística dominical.

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Retomando o caminho de catequeses sobre a Missa, hoje perguntemo-nos: por que ir à Missa aos domingos?

A celebração dominical da Eucaristia está no centro da vida da Igreja (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2177). Nós, cristãos, vamos à Missa aos domingos para encontrar o Senhor Ressuscitado, ou melhor, para nos deixarmos encontrar por Ele, ouvir a sua palavra, alimentar-nos à sua mesa e assim tornar-nos Igreja, isto é, seu Corpo místico vivo no mundo.

Compreenderam isto, desde o princípio, os discípulos de Jesus, que celebraram o encontro eucarístico com o Senhor no dia da semana ao qual os judeus chamavam “o primeiro da semana” e os romanos “dia do sol”, porque *naquele dia Jesus tinha ressuscitado dos mortos* e aparecido aos discípulos, falando com eles, comendo com eles, concedendo-lhes o Espírito Santo (cf. *Mt* 28, 1; *Mc* 16, 9-14; *Lc* 24, 1-13; *Jó* 20, 1-19), como ouvimos na Leitura bíblica. Também a grande efusão do Espírito no Pentecostes teve lugar no domingo, cinco dias depois da Ressurreição de Jesus. Por estas razões, o domingo é um dia santo para nós, santificado pela celebração eucarística, presença viva do Senhor entre nós e para nós. Portanto, é a Missa que faz o domingo cristão! O domingo cristão gira em volta da Missa. Que domingo é, para o cristão, aquele no qual falta o encontro com o Senhor?

Existem comunidades cristãs que, infelizmente, não podem beneficiar da Missa todos os domingos; no entanto, também elas, neste dia santo, são chamadas a recolher-se em oração em nome do Senhor, ouvindo a Palavra de Deus e mantendo vivo o desejo da Eucaristia.

Algumas sociedades secularizadas perderam o sentido cristão do domingo iluminado pela Eucaristia. Isto é pecado! Em tais contextos é preciso reavivar esta consciência, para recuperar o significado da festa, o significado da alegria, da comunidade paroquial, da solidariedade e do

descanso que revigora a alma e o corpo (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2177-2188). De todos estes valores a Eucaristia é a nossa mestra, domingo após domingo. Por isso, o Concílio Vaticano II quis reiterar que «o domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso, da abstenção do trabalho» (Const. *Sacrosanctum concilium*, 106).

A abstenção dominical do trabalho não existia nos primeiros séculos: é uma contribuição específica do cristianismo. Por tradição bíblica, os judeus descansam no sábado, enquanto na sociedade romana não estava previsto um dia semanal de abstenção dos trabalhos servis. Foi o sentido cristão do viver com filhos e não como escravos, animado pela Eucaristia, que fez do domingo — quase universalmente — o dia do descanso.

Sem Cristo estamos condenados a ser dominados pelo cansaço do dia a dia, com as suas preocupações, e pe-

dor, nem luto, nem lágrimas, mas só a alegria de viver plenamente e para sempre com o Senhor. Inclusive sobre este abençoado descanso nos fala a Missa dominical, ensinando-nos, ao decorrer da semana, a confiar-nos nas mãos do Pai que está no Céu.

Como podemos responder a quem diz que não é preciso ir à Missa, nem sequer aos domingos, porque o importante é viver bem, amar o próximo? É verdade que a qualidade da vida cristã se mede pela capacidade de amar, como disse Jesus: «Disto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (*Jó* 13, 35); mas como podemos praticar o Evangelho sem haurir a energia necessária para o fazer, um domingo após o outro, na fonte inesgotável da Eucaristia? Não vamos à Missa para oferecer algo a Deus, mas para receber dele aquilo de que verdadeiramente temos necessidade. Recordo-o a oração da Igreja, que assim se dirige a Deus: «Tu não precisas do nosso louvor, mas por um dom do teu amor chamas-nos a dar-te graças; os nossos hinos de bênção não aumentam a tua grandeza, mas obtém para nós a graça que nos salva» (*Missal Romano*, Prefácio comum IV).

Em síntese, por que ir à Missa aos domingos? Não é suficiente respon-



Ivan Guaderrama, «Última Ceia»

lo medo do amanhã. O encontro dominical com o Senhor dá-nos a força para viver o presente com confiança e coragem, e para progredir com esperança. Por isso nós, cristãos, vamos encontrar-nos com o Senhor aos domingos, na celebração eucarística.

A Comunhão eucarística com Jesus, Ressuscitado e Vivo eternamente, antecipa o Domingo sem ocaso, quando já não haverá cansaço nem

der que é um preceito da Igreja; isto ajuda a preservar o seu valor, mas sozinho não basta. Nós, cristãos, temos necessidade de participar na Missa dominical, porque só com a graça de Jesus, com a sua presença viva em nós e entre nós, podemos pôr em prática o seu mandamento, e assim ser suas testemunhas crentes.

Um encorajamento «a trabalhar em espírito de comunhão e colaboração com



as demais Ongs católicas e com os representantes da Santa Sé, como sinal do compromisso da Igreja na construção de um mundo cada vez mais justo e solidário» foi dirigido pelo Papa aos participantes no Fórum internacional das Ongs de inspiração católica, saudados no final da audiência geral e recebidos um pouco antes no gabinete da Sala Paulo VI.

Saúdo os participantes no Fórum internacional das Ongs de inspiração católica, reunidos em Roma nestes dias. Exprimo profundo apreço pelos vossos esforços de levar a luz do Evangelho às várias periferias do nosso mundo, para defender a dignidade do homem, para promover o desenvolvimento integral dos povos e para ir ao encontro das necessidades materiais e espirituais de tantos membros da nossa família humana. Encorajo-vos a trabalhar sempre em espírito de comunhão e colaboração com as demais Ongs católicas e também com os representantes da Santa Sé, como sinal do compromisso da Igreja na construção de um mundo cada vez mais justo e solidário. Com os votos de que estes dias de reflexão e intercâmbio sejam fecundos para as vossas atividades, concedo-vos de coração a minha Bênção apostólica.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, convidando todos a permanecer fiéis ao encontro dominical com Cristo Jesus. Ele desafia-nos a sair do nosso mundo limitado e estreito para o Reino de Deus e a verdadeira liberdade. O Espírito Santo vos ilumine para poderdes levar a Bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja.